DICIONÁRIO DE RAÍZES PRIMITIVAS

Estudos comparativos que demonstram a existência de uma língua mãe pré-histórica e sua difusão universal

Edição Resumida

Luiz Caldas Tibiriçá

São Paulo – janeiro de 1999

Direitos autorais reservados de conformidade com a lei

Nossa Capa:

O Autor, Luiz Caldas Tibiriçá, teve sua atenção voltada para o estudo mais aprofundado do relacionamento entre as línguas, a partir de seu interesse inicial sobre as línguas indígenas brasileiras. São de sua autoria várias obras sobre o Tupi e o Guarani, e o seu relacionamento com línguas de outros continentes. Reproduz-se em nossa capa uma "árvore genealógica" da família Tupi-Guarani, publicada na revista *Super Interessante* de dezembro de 1998, a propósito do renovado interesse despertado pelo estudo das línguas indígenas em nosso país.

ÍNDICE

Páginas

Dados sobre o autor..... . 1

Prólogo 3

Como teria surgido a linguagem falada 5

Provas do monogenismo lingüístico 6

O corpo humano como medida de todas as coisas..... 7

O período neolítico e a expressão da linguagem falada 8

Resumo do Dicionário de Raízes Primitivas 11

Bibliografia Mínima 39

Línguas Ameríndias 40

Dados sobre o autor

Nasceu em São Paulo, Brasil, a 3 de junho de 1.913. Cursou os estudos primários na Escola Paroquial de Santa Cecília, o ginásio, no Liceu Coração de Jesus e o científico no Liceu Anglo-Latino. Cursou Geologia, na Universidade de São Paulo, com vários diplomas de pós-graduação.

Cursou, ainda, Composição, no Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, com o professor João Sepe e orquestração com o professor Furio Franceschini.

Desde os 14 anos quando tomou contato com os índios Guarani-Nhandeva, de Itanhaém, e aos 21, com muitas tribos do Pantanal: Guaicuru, Andauê, Chiriguano, Terena e outras, passou a interessar-se pelo estudo das línguas indígenas da América e sua origens. Estudou cerca de 200 dialetos e elaborou oitenta e três monografias, das quais foram editadas apenas quatro.

É autor de seis dicionários: Tupi-Português; Guarani-Português; Dicionário de Topônimos Brasileiros de Origem Tupi; Dicionário da Mitologia Universal; Vocabulário Tupi Comparado; Dicionário de Termos Asiáticos e Ameríndios, este último ainda inédito.

Há 40 anos dedica-se incansavelmente à elaboração de sua obra principal: Dicionário de Raízes Primitivas, cujo objetivo é demostrar com evidências o monogenismo lingüístico.

É co-fundador de dois institutos de arqueologia: I.A.B, Instituto de Arqueologia Brasileira (Seção de São Paulo) e I.P.A, Instituto Paulista de Arqueologia. É Diretor do Museu Particular de Jundiaí "Francisco de Matheo" e Membro Titular do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

PRÓLOGO

Para um lingüista, mais preocupado com minudências gramaticais do que com a obscura pré-história do homem, pode causar surpresa uma obra de tão grande envergadura. Mormente, por não ter sido elaborada por renomados mestres internacionais.

Seu autor é um modesto pesquisador que desde a infância preocupou-se com a origem das línguas, das artes, dos costumes e de todas as coisas que constituem o apanágio das diferentes culturas da humanidade. Que desde criança já o intrigava este cruciante problema: Há um só Deus, uma só espécie humana; por que tantas religiões? Por que tanta diversidade de tipos humanos e línguas ?

Fala o Autor:

Estas cogitações foram as diretrizes de minhas pesquisas desde o início de meus estudos primários. As perguntas que fazia aos mestres não eram respondidas. E se respondidas, não satisfaziam a minha avidez de saber. Meu pai, um autêntico filósofo e pesquisador no campo da física molecular, além de homem de vasta cultura humanística, é que me dava as respostas mais ou menos convincentes. Esta foi a razão que me tornou um mau aluno nas carteiras escolares, mas em compensação, um curioso rato de bibliotecas, de amador de artes, amante da música erudita, da pré-história, da mitologia e estudioso das antigas línguas mortas.

Aos catorze anos, ao tomar contato com os índios Guarani-Nhandeva, do litoral paulista e aos 20 com outras tantas tribos do Pantanal, tornei-me incansável estudioso de dialetos indígenas do Brasil. Ao dar baixa do Exército, aos 22 anos, passei a freqüentar, em São Paulo, comunidades japonesas, húngaras, russas, chinesas, libanesas, israelitas e muitas outras, estudando seus costumes, línguas, e principalmente seu modo de pronunciar sua linguagem escrita. Fui um jovem tímido e arredio. Jamais busquei meus lazeres em convívio com pessoas fúteis. Meu principal lazer era participar de festivais folclóricos interioranos. Aos 33 casei-me, abandonando minhas pesquisas para cuidar de problemas domésticos.

Treze anos depois desquitei-me, retornando redobradamente às pesquisas. Hoje, aos 85 continuo trabalhando sem cessar. Sou autor de cinco dicionários, inúmeras obras literárias e 83 monografias lingüísticas, das quais apenas quatro foram publicadas.

Não é pois de admirar que, com tanta dedicação, e paciência, não tenha podido realizar esta obra de tal envergadura. Já em 1.965 publicava minha primeira monografia sobre paleolingüística: "Denominação das partes da cabeça em Proto-asiático (Língua mãe)." Até então já havia compilado nada menos que 830 vocabulários de dialetos ameríndios, oceânicos, africanos e asiáticos, sem falar das antigas línguas mortas mundialmente conhecidas.

Humboldt, dado seu prestígio universal de sábio, infelizmente, contribuiu para o obscurantismo da pré-história das Américas, afirmando que estas foram povoadas por hordas da Sibéria através do estreito de Bering. Embora isto constitua um absurdo ante as novas descobertas e o avanço da ciência nestes últimos cem anos, há mestres de mentes obtusas que cerram fileira contra qualquer idéia contrária. Não percebem que o caminho mais curto entre as pirâmides é a Amazônia, as Ilhas Canárias, o Império de Méroe, a Líbia e o Egito. E que certas semelhanças lingüísticas não são mero acaso ou coincidência, mas fatos concretos. Que os vestígios de construções megalíticas do Brasil, não são fruto de um capricho da natureza, mas obras humanas. Que os inúmeros esqueletos de grande estatura e crânio dolicocéfalo, não são meras deformações genéticas, mas provas que evidenciam a presença de povos europeus e africanos em períodos pré-colombianos. Meu "Dicionário Comparativo de Línguas Eurasiáticas e Ameríndias" encerra qualquer dúvida a respeito de tais ceticismos. Esta obra nada tem de extraordinário. Poderá surpreender somente pesquisadores tímidos que não se aventuraram para além dos currículos universitários. Foi trabalho de paciência, resignação e escrupuloso critério. Obra de 40 anos, mil vezes retocada e corrigida. Como toda obra pioneira, está longe de ser a única. Mas será a primeira dentre inúmeras outras que a completarão.

O Autor

Como teria surgido a linguagem falada

Ao iniciar, a primeira coisa a fazer é uma pergunta a mim mesmo: quando começa a verdadeira história do homem? Quando empunhou a sua primeira arma, ou quando começou a transmitir às gerações pósteras a sua experiência através de uma linguagem falada?

Depois de muita reflexão pude responder baseando-me nesta asserção: "A inteligência e a palavra, eis o que constitui o homem." Antes de possuir a linguagem falada, nós, os seres privilegiados, éramos simples bestas. O macaco, pode, também, empunhar uma arma, mas jamais pronunciará uma palavra.

Supõe a ciência que o homem teria surgido no início do Pleistoceno. Desde então já possuía meios de se comunicar com palavras? Não, absolutamente. Podia, como todos os animais, até mesmo como os insetos, ter seu modo de comunicação: gestos, gritos inarticulados, mas não palavras.

Durante toda minha existência dediquei-me à pesquisa da origem da linguagem falada. Através de incansáveis estudos comparativos, descobri que todas as línguas derivam de raízes, que partiram de sons emitidos pela mímica bucal, e mais tarde por onomatopéias puramente convencionais. E como teriam surgido estas primeiras palavras? Ora, o homem vivendo em grupos, de caçadores e coletores, tinha eminente necessidade de se comunicar, pelo menos, em dados momentos, pois a linguagem falada era imprescindível à sua sobrevivência. Vamos imaginar a vida do troglodita das cavernas, há 30.000 anos, numa manhã propícia à caça.

Rompe o dia. O Sol promissor anuncia que a vida deve começar apesar do intenso frio. O mais apto dentre os homens e por tal ventura o mais inteligente, faz-se o chefe. Sai de seu abrigo sob rocha, olha o céu, faz um gesto com o braço e emite uma série de sons: va ... hom ... har ... Os outros entendem que o dia está favorável, que podem sair para caminhar ... Que o céu está bonito. Provavelmente, a linguagem falada não possuía ainda elementos de ligação como advérbios, preposições e conjunções. Mas, já devia haver uma série de verbos, nomes e adjetivos, sem falar nas inúmeras expressões interjetivas. É aí que começa a verdadeira história do homem, denominando as coisas, seus próprios nomes, e enquanto afeitos à busca de alimentos, as mulheres, para não ficarem ociosas, ensinavam as crianças seus próprios nomes. Denominavam os animais conforme suas características, apontando suas imagens pintadas nas paredes da caverna. Batiam com os pés no chão e pronunciavam um som: BA ... As crianças entendiam que esse som significava "chão", "base" ... e também o seu pé, bem como a pata dos animais. Mais tarde, para diferenciar o chão, a terra, de seus próprios pés, denominou-os com nomes diferentes. BAT era o pé, BAB, o chão, a

terra, a planície, que muitos pronunciavam de modo anasalado: BAMB. Quando alguém olhava o céu e anunciava MURU-MURU ... Todos sabiam que isto queria dizer que o tempo não estava bom, que iria chover. Quando a chuva era intensa, olhavam-se e exclamavam: TORORÓM ...

Podemos observar que este som ainda permanece em muitas línguas com vários significados, mas, em todos permanece a idéia de ruído intenso: Haja vista em Português: trombeta, trombone, es-tron-do, trom-ba-da, etc. A linguagem infantil é uma fonte de raízes primitivas: BAB ... MAM ... NANA ... PA ... PFU ... MUU ... TA ... ME ... e assim foi o início da linguagem falada. Através das páginas deste dicionário o leitor ficará surpreso ao ver a permanência destas raízes em todos os continentes. Elas permanecem. O que muda é o seu novo conceito. Daí, eu ter aplicado o método dedutivo, para demonstrar com clareza e evidência, que todas as línguas do mundo, por mais distantes que sejam as diferentes famílias, são elos de um mesmo tronco.

Provas do monogenismo lingüístico

Se eu afirmar que os antigos Egípcios denominavam o sapo com um termo idêntico à língua tupi, e provavelmente com esta tem relações longínquas, pode causar espanto. Porém os sessenta anos de experiência de estudos de línguas comparadas deu-me extraordinária credibilidade quanto a origem comum de todas as línguas. Se o Tupi denominou o sapo com uma onomatopéia primitiva CURURU ou CURURUK, que se pode traduzir por "resmungar", essa mesma onomatopéia utilizou o antigo Egípcio. E não só este, mas outros povos de regiões do mundo distantes. Não importa o tempo e o espaço que separam duas línguas de povos diversos, seja de qualquer continente. No caso da onomatopéia CURURUK, é que sua origem paleolítica deve ter influenciado ou permanecido em muitos povos inclusive indo-europeus. Sânscrito, KRUS, grito, lamento; Alemão, KRÖTE, sapo; Português, CRUJ-IR, lamentar a coruja; entre os índios Timbira, KRÜG, estar colérico, estar resmugão, etc.

O fato é que o Tupi, língua da América, há cinco mil anos, teria provindo da Ásia Central ou Oriente Próximo onde teria tido relações indiretas com o antigo Egípicio, com o Japonês, com o Sumeriano, com dialetos indo-europeus e muitas línguas africanas. Não existe, sequer, uma língua indígena da América que seja autóctone. Chamar nossos índios de aborígenes, por tanto, constitui um grave erro.

Se compararmos os verbos de diferentes dialetos pertencentes a famílias diversas, encontraremos muitas dissemelhanças. Mas, no caso das partes do corpo, o número de termos cognatos é bem maior. E no que tange aos pronomes, os cognatos aumentam extraordinariamente. Isto quer dizer que estes nasceram bem mais recentemente. Provavelmente influenciados pelas civilizações dominantes: egípcia, sumeriana, chinesa, elamita, de semitas, de povos do Vale do Indo, etc. Outrosim, observamos que, quando nos afastamos no tempo, isto é, quando comparamos línguas mortas da antigüidade histórica, temos entre elas muitos mais termos cognatos, evidentemente.

Creio com disposta deliberação que, há uns 15 mil anos a maioria dos povos concentrava-se no Oriente Próximo e na pradaria do norte da África, daí dispersando pelos outros continentes. Estes povos teriam levado aos mais incultos uma linguagem já bem estruturada, que ao correr do tempo foi se diferenciando. Vamos observar através das páginas deste dicionário comparativo, raízes comuns entre línguas de todos os continentes, no que tange aos termos como BOCA – COMER – FALAR; MÃO – PEGAR – FAZER; PÉ – CAMINHAR – VIAJAR, etc. termos estes que, sem dúvida, provêm do vocabulário do homem paleolítico, ou seja: PA, MA, BA.

Neste dicionário verá o leitor um mesmo termo, com um mesmo significado, na Ásia, na Europa, na África, na Oceânia e nas línguas indígenas da América. Creio, pois, que esta obra irá surpreender muitos estudiosos, que não poderão compreender como cheguei ao âmago do tão complexo problema: a origem comum de todas as línguas, ou melhor, uma prova evidente do monogenismo linguístico.

Podemos observar que as primeiras palavras pronunciadas pelas crianças de todos os povos do mundo são as mesmas: MAM, BAB, PA, BA. São as labiais, exercitadas na atividade do ato de mamar. Nos bêbes o termo NAN, NANA é instintivo. Quando estão sós, mesmo nos primeiros meses de vida, cantam para se entreter ou se auto-embalar. Daí os diferentes significados da raiz NAN em todas as línguas do mundo, porém, todos eles ligados ao ato de dormir, embalar, apascentar, pastor, flauta, canto, música, instrumentos sonoros, mãe, aquela que canta para embalar, tia, avó, família, criança, parente, etc. Todos estes termos são uma infinita variação semântica que parte da célula máter: "embalar para dormir."

Se grande parte das raízes primitivas são uma conseqüência da mímica bucal, modo instintivo de expressar algo, evidentemente, todas as línguas de todos os povos partiram de sons idênticos produzidos por um idêntico aparelho fônico. E isto demonstro com clareza em algumas páginas desta obra.

O corpo humano como medida de todas as coisas

Desde que o homem denominou seus membros, sua cabeça, suas narinas, a ponta do nariz, seus olhos, seus cabelos, seu ventre, seu tronco, seu sexo, etc., pôs-se a denominar as mais coisas consoante à analogia com o seu corpo, já minuciosamente nomenclaturado. À sua cabeça comparou a montanha, que a denominou com o mesmo vocábulo; e com este denominou seus cabelos e a vegetação; seu ventre é a colina; seu corpo é o tronco da árvore, a madeira; a sola de seus pés, o chão, o caminho, a planície; os dedos de sua mão,

os filhos, a família; seus braços à idéia de dobrar; suas costas à idéia de transportar, e assim por diante.

E a pedra? O rio? O vento? ... Ou expressava com uma onomatopéia, ou discrepante que fosse, encontrava uma certa analogia com alguma parte do seu corpo. As pedras, pela sua rigidez seriam os ossos; a corrente do rio, o sangue e as veias; o zumbido dos ventos, sua respiração. Assim foi desenvolvendo um grande vocabulário que, sem dúvida, partiu das primeiras observações do homem primitivo: seu próprio corpo e seus movimentos.

O primeiro vocábulo a denominar a água deveria estar relacionado com a sede, com a garganta sedenta e ressecada. Deveria ser mais ou menos este som profundamente gutural: YY, expresso pelos alfabetos conhecidos pelos dois YY, existentes ainda em algumas línguas da Ásia, África e América. Assim denomina o Chinês a chuva YU, som gutural profundo, semelhante o índio guarani pronunciando a palavra "água".

Novos verbos foram surgindo, também, originários das partes do corpo. Mas, um só vocábulo para tantos modos de agir? Não; com o tempo o homem foi determinando cada qual com diferentes entonações de voz, ou desinências, ou inventando novas onomatopéias: BUK ... dar um soco; TAP ... dar uma bofetada; SAM ... alisar com as mãos os cabelos; RATH ... correr precipitadamente, etc. Nascia assim um novo vocabulário expressando todas as ações do homem.

O período neolítico e a expansão da linguagem falada

Parece-me que, não obstante os homídios já possuissem alguns sinais emitidos pela voz, foi há 30.000 anos, com o surgimento de Cro-Magnon, que deve ter surgido a linguagem articulada propriamente dita. Esta linguagem, no entanto, já possuidora de vasto vocabulário, nomes das partes do corpo, dos alimentos, dos elementos da natureza, das várias ações humanas, prescindia, ainda, de uma estrutura gramatical, que deve ter surgido no alvorecer das grandes primeiras civilizações.

Escreve Michael H. Day em "O Homem Fóssil":

"*A principal conquista do homem neolítico parece que foi a de ele se tornar capaz de livrar-se da necessidade constante de se mudar para novos campos de caça, pelo fato de começar a obter alimentos de plantas comestíveis e de domesticar animais úteis.*"

Mais adiante escreve o mesmo autor:

"*Essas primeiras tentativas para produção de alimento assinalam um ponto importante na história da humanidade, visto como o seu êxito conduziu à possibilidade da vida social, cooperativa, de aldeias e, ao seu tempo, à divisão do trabalho. Com essa divisão, os indivíduos dotados de habilidades particulares passaram a poder fazer uso delas economicamente. Por essa forma, verificou-se que os instrumentos tais como as ferramentas do tipo neolítico, feitas de quartzo, à maneira das machadinhas de diorito e de sílex, eram produzidas em "fabricas de machadinhas" e distribuídas por toda a Grã-Bretanha. Essa manufatura e essa distribuição teriam, assim, conduzido aos começos do comércio. Com toda clareza, a revolução neolítica pode ser considerada como tendo assinalado a verdadeira aurora dos processos da civilização.*"

Eu completaria estas idéias conjeturando: a partir de então, a linguagem falada, no intercâmbio dos povos, estruturou-se ao ponto de constituir um verdadeiro órgão de comunicação e mais do que isto: com seus múltiplos advérbios, preposições, pronomes e partículas, criou-se a primeira literatura falada: as histórias e lendas transmitidas oralmente. Desta maneira, cada povo procurou enriquecer o mais possível a sua própria linguagem que, a partir da Mesopotâmia, Oriente Médio, Nordeste do Egito e Vale do Indo, deve ter-se espalhado por todos os continentes inclusive a América, como bem demonstra esta obra sem qualquer possível contestação. Vemos através de seus textos uma realidade pairando acima da própria História. E através de suas páginas, que podem surpreender os mais ilustres lingüístas, podemos observar que, mesmo em eras mais recentes, como na Baixa Idade Média, houve migrações de povos do Norte da África e da Europa para a América. É fato incontestável: as antigas línguas da proto-história, como a sumeriana, a egípcia, a hebraica, a assíria, a páleo-índica, a sino-tibetana, a dravídica, a indo-européia e outras, deixaram seus vestígios nas inúmeras tribos que, a partir do centro da Ásia e do sul da Índia imigraram para a América através do Pacífico.

Creio que estudos computadorizados feitos por pré-historiadores e lingüistas a partir desta obra, podem revelar fatos até então inéditos, como o relacionamento de línguas da América pré-colombiana com outras tantas dos velhos continentes, bem como o incontestável monogenismo lingüístico.

RESUMO

DO

DICIONÁRIO DE RAÍZES

PRIMITIVAS

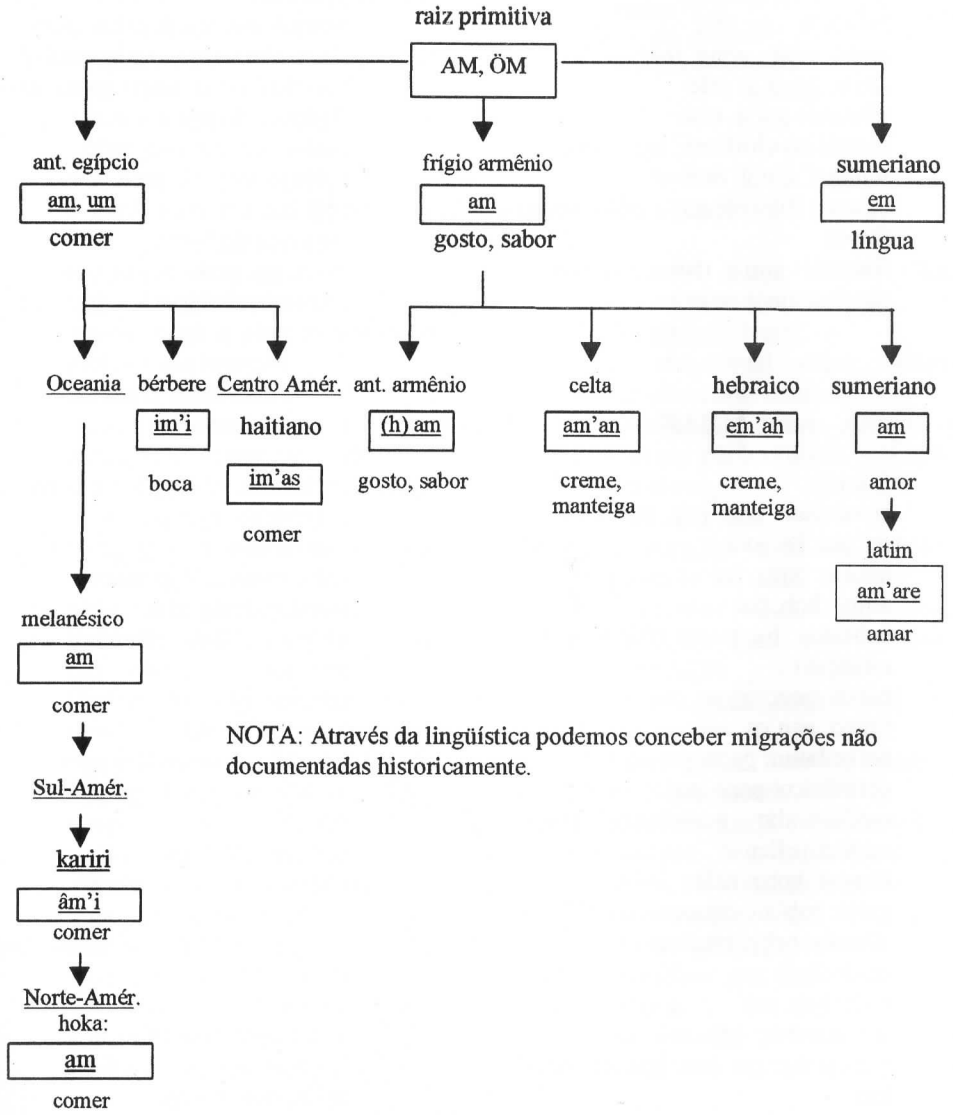
Direitos autorais reservados.
Proibida a reprodução total
ou parcial sem a autorização
do Autor

Abreviações

ant.	Antigo
art.	Artigo
adj.	Adjetivo
(A.N.)	América do Norte
(A.S.)	América do Sul
(Afr.)	África
deriv.	Derivado
ext.	Extensão
fem.	Feminino
id.	Idem
n.pr.	Nome próprio
(Oc.)	Oceânia
pron.	Pronome
r.	Raiz
r. p.	Raiz primitiva
subs.	Substantivo
v.	Verbo
V.	Veja
var.	Variante

Exemplo de raiz paleolítica originária da mímica bucal, conservada até nosso século em línguas indígenas da América:

AM[1], ÖM[1] – 1) idéia de provar, degustar; 2) comer sem mastigar.



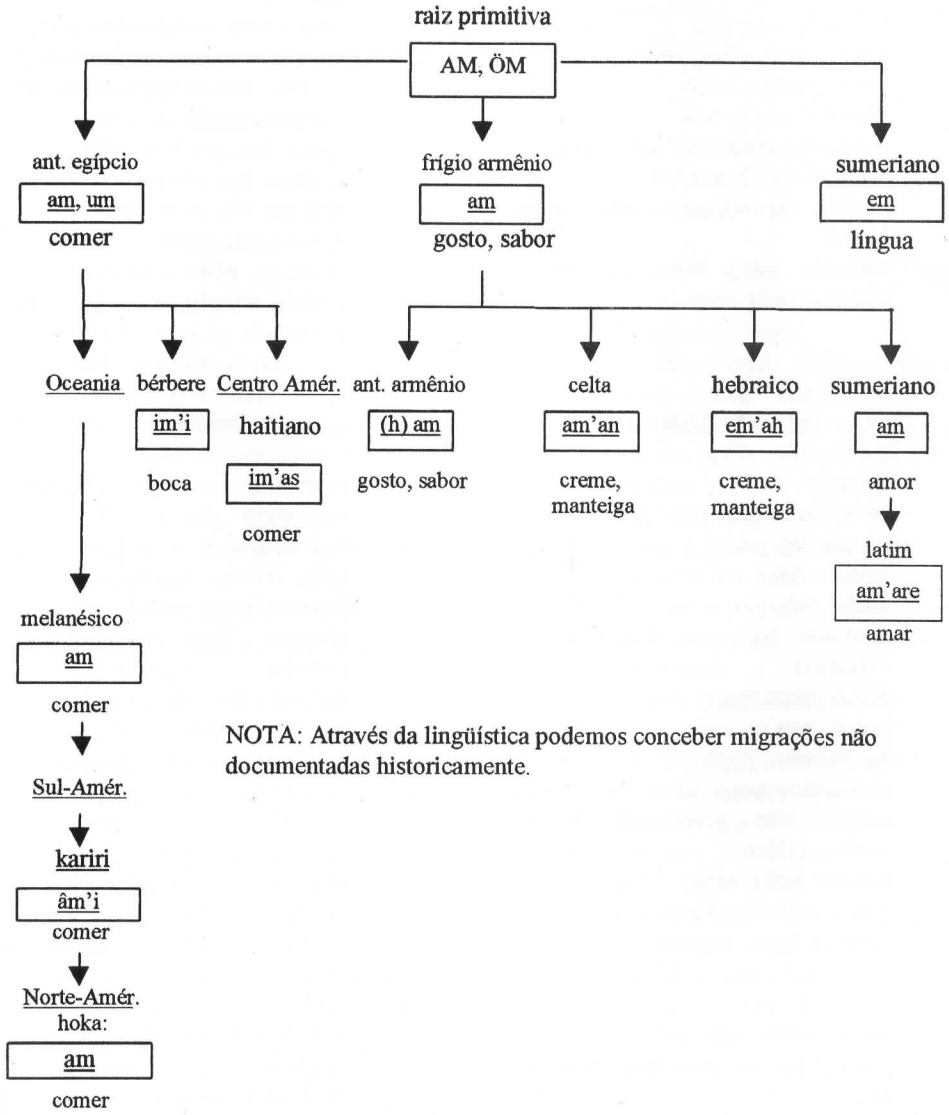
NOTA: Através da lingüística podemos conceber migrações não documentadas historicamente.

Abreviações

ant.	Antigo
art.	Artigo
adj.	Adjetivo
(A.N.)	América do Norte
(A.S.)	América do Sul
(Afr.)	África
deriv.	Derivado
ext.	Extensão
fem.	Feminino
id.	Idem
n.pr.	Nome próprio
(Oc.)	Oceânia
pron.	Pronome
r.	Raiz
r. p.	Raiz primitiva
subs.	Substantivo
v.	Verbo
V.	Veja
var.	Variante

Exemplo de raiz paleolítica originária da mímica bucal, conservada até nosso século em línguas indígenas da América:

AM[1], ÖM[1] – 1) idéia de provar, degustar; 2) comer sem mastigar.



NOTA: Através da lingüística podemos conceber migrações não documentadas historicamente.

Raiz paleolítica oriunda da mímica bucal:

AM, ÖM. - peito, seio; mãe

Eurásia:
sumeriano: am, um, mãe; am, entranha
assírio: imm'a, mãe
hebraico: em, mãe
árabe: emm, umm, mãe
latim: amm'a, mãe
tibetano: am'a, mãe
himaláico-chitkhuli: am'a, mãe
mongol: ëm'ë, mulher
euscara (basco): am'a, mãe; am'a, fêmea
finlandês: am'a, dama, senhora
tâmil: amm'á, mãe

África:
ant. egípcio: him, mulher, fêmea
bérbere: umm'u, mãe
Oceânia:
australiano: am'a, peito, seio, mãe
Ilhas Marquesas: um'a, peito seio
Ilha da Páscoa: um'a, peito, seio
América do Sul:
maku: hin, por him, mãe
chipaya: am, ela pron. fem.
uro: am, ela, pron. fem.
América do Norte:
maia: im, peito, seio
tzutuhil-cakchiquel: im, peito, seio

BA, BAB – Termos afetivos dirigidos a pessoa querida

Eurásia:
sumeriano: bab, pap, pai, criança; pa, pai; ba, joia
assírio: baba, pai
árabe: bab, pai
hebraico: ba, papai (falado pelas crianças)
baixo grego: papa, pai
grego: pap'os, avô
baixo latim: papa, pai
germânico: papa, pai
médio alto germânico: baba, mulher velha
lituano: boba, mãe
galês: bab'an, criança
albanês: bebe, criança
curdo: bab, pai
urdu: bab, pai
ant. armênio: bab, avô
chinês: ba, pa, pai; bao, tesouro, joia
tibetano: bapo, médico curandeiro; pha, pai
munda-santáli: bhab, afeição; baba, criança; bap, pai
japonês: baba, avó
húngaro: bab, boneca; bába, parteira
coreano: ba, avó
turco: babá, pai
himaláico-canauri: bao, pai
himaláico-kagami: pé, pai
África:
bérbere: baba, pai
sudanês-djerma: baba, pai
ioruba: baba, pai
banto-ganguela: mbomb'wa, irmão, parente
rifenho: ba, pai
agni-assanti: ba, filho
Oceânia:
polinésico: pa, pai

América do Sul:
pano-caxinaua: baba, neto
quêchua: wawa, filho
aimara: wawa, criança
trumai: papá, pai
tchapakura: papá, tio
mako: baba, avó
tupi: mi-mbaba, animal doméstico de estimação: pa-í, papai
chiquito: papa, mãe; baw, animal doméstico
matanawi: papá, homem

América do Norte:
ant. maia: pa, pai

Nota: Esta raiz paleolítica é oriunda da mímica bucal inspirada no som produzido pelos lábios da criança ao babar após Ter ingerido seu alimento pastoso. Daí, o se denominar a criança de BAB, e quando este termo por ela expresso, passou a designar uma pessoa querida da família.

BAAL – idéia de estatura, superioridade

Eurásia:
fenício: baal, senhor, deus
assírio: baal, o planeta Júpiter, o protetor dos homens
hebraico: baal, dominar
árabe: bar'y, deus
hitita: baal, senhor, mestre
celta: bal, elevado, chefe; bel'y, poder
turco: bar'i, deus; bal'a, alto, eminente
urdu: bar'a, grande elevado
finlandês: pääll'e, sobre, em cima; pää, cabeça
tibetano: bla, superior, eminente
tâmil: val, forte, possante
chinês: baa, oito
África:
etíope-amárico: bal, senhor
sudanês-jur: bäär, alto, elevado
ioruba: bar'a, o deus do mal
América do Sul:
quêchua: pall'a, dama da nobreza incáica. (prov. relacionamento com latim, através do frígio: pall'a, mantilha usada por mulheres nobres).
bororo: bar'u, céu; bar'i, sacerdote, curandeiro
América do Norte:
ant. maia: baal, senhor, eminente (conexo com semítico)
tzutuhil-cakchiquel: paal, o que está em pé, levantado; paa, sobre, em cima)

II acepção: idéia de cobertura, proteção
sumeriano: bar, par, cobrir, proteger; bar, par, cobertura, habilitação
grego: pall'ium, esp. de vestimenta
latim: pall'a, mantilha usada por mulheres nobres
sânscrito: var'a, cobrir, envolver
tibetano: ber, capa, manta; bla, sobre, em cima; ba, casa, recinto
húngaro: per, casa
gaulês: pall'en, cobertura
dravídico: por, vestir
África:
ant. egípcio: per, casa; ba, ramo de palmeira (cobertura)

ki-suahili: paa, teto, cobertura
sudanês shilluk: pal, casca de concha (cobertura)
sudanês-jur: par, casa, habitação
banto-ganguela: pa, pele de animal servindo de vestido
ioruba: bo, cobrir; de onde: wo, vestir
Oceânia:
melanésico: pal, casa
bisaio-hiligano: bal'ay, casa
América do Sul:
masakará: pa, casa
mashakali: bear, casa
tchapakura: par'i, pele, couro (cobertura)
caribe: par'a, casa localidade
sul-aruaque: pai, casa

BADH, BATR – o primitivo, o ancestral

Eurásia:
sumeriano: bad, afastado, remoto
árabe: bad'y, aquele que principia, que começa; bad, princípio, início, badr'y, primitivo, ancestral
indo-europeu: pater, pai
fenício: peter, irmão mais velho
georgiano: béd'ia, avó
basco: bat, um (numeral)
África:
ant. egípcio; r-pat, príncipe
América do Sul:
kariri: badz, certa divindade ancestral
schirianá: bat'a, ancião
chiquito: baet'a, primeiro, adj.; primeiramente, adv.
América do Norte:
ant. maia: batz, macaco; batz, o símbolo dos ancestrais

Nota: Esta raiz parece estar relacionada com BARTH, barba, o avô, o mais velho. O termo BATZ, macaco, entre os maias, refere-se a um tipo de mono barbado

BAHT, BOHT – idéia de bater com violência; idéia de arremesso

Eurásia:
sumeriano: bat, bit, but, bastão; bat, matar, destruir; bath, path, guerra
hebraico: pat'al, lutar, combater; pats'a, ferir
grego: petr'a, pedra
latim: petr'a, pedra; batu'ere, por baut'ere, duelar, lutar com arma.)
turco: balt'a, machado
húngaro: balt'a, machado; pat'a, bofetada
assírio: bult'a, machado
georgiano: burth, bola de jogar
basco: pud, machado
himaláico-chitkhuli: batt'á, pedra
urdu: bed, bastão; patt'har, pedra
gaélico: beth'el, arco de flecha
África:
sudanês-shilluk: pwot, açoitar
etíope-amárico: bettr, bastão
banto-ganguela: mband'u, ferida feita com violência
Oceânia:

australiano: bath'in, lança
bisaio-hiligano: pat'ay, matar
América do Sul:
uro: pats, machado
pano-caxinaua: pot 'a, atirar, arremessar
kariri: bodz'o, machado
quêchua: phat'ay, rebentar

América do Norte:
ant. maia: bat, machado; baat'el, batalha
maia-quichê: bat'é, lança
chilanga: pat'kin, machado
tzutuhil-cakchiquel: potz, ferida feita com violência

II acepção: idéia de comando, autoridade (aquele que empunha o bastão)
Eurásia:
sumeriano: pad, chefe; pad, comandar
indo-europeu: pot, mestre
ant. armênio: bed, chefe, comandante
munda-santáli: bos, comando, autoridade
georgiano: bat'on, senhor feudal
ant. tâmil: pent, mulher, matriarca
África:
sudanês-shilluk: both, bodh'o, mestre
América do Norte:
huave: puend, nobre
Possível relacionamento:
ant. tâmil: pentor, uma matriarca

(A.do S.) tukano: pentor'a, chefe, cacique, sem dúvida, através do drávida-australiano.

O relacionamento de línguas da Índia com outras tantas da América do Sul, através do Oceano Pacífico, sobejamente provado, é fato indiscutível.

BAL, BOL – rosto, fronte; por extensão olhos

Eurásia:
sumeriano: bah, olhos, bul, visão
assírio: bal'a, rosto, face
indo-europeu: bar'dh, barba, por rosto (com artigo suf. prov. por influência hitita.)
chinês: bo, sábio, erudito
tibetano: blo, memória; po, sábio, mestre; par, figura
húngaro: fö, cabeça, chefe
georgiano: bal, cabelo, por cabeça
África:
ant. egípcio: bal, olho
sudanês-shilluk: bol, rosto, face
senegalo-guineense: bol, olho
somalo: fol, fronte, testa
nígero-camerunês: mba, olhos
mandé-tan: bol'o, cabeça
banto-ganguela: pal'a, rosto
banto-xironga: pal'a, crânio, por cabeça
Oceânia:
indonésico: por'a, têmporas
polinésico: u-poo, cabeça
América do Sul:
tchapakura: i-pui, cabeça (conexo com polinésico)
puri-coroado: por'eh, fronte, testa
koropó: pol'e, fronte, testa
pano-caxinaua: bo, cabelo, por cabeça

aimara: par'a, frente, a parte da frente
mura-manicoré: bah, cabeça
maku: uá, wa, rosto
América do Norte:
maia: pol, cabeça, chefe
gr. Hoka: pol'a, fronte, testa
tzutuhil-cakchiquel: pal'ah, rosto, face

BATH, PATH – 1) quebrar, abrir, romper, separar; 2) parte, pedaço, porção

Eurásia:
sumeriano: bath, path, quebrar, romper, separar; bath, path, trituração de cereais, bath, path, cereal, alimentos;
bath, path, pouco, pequena, quantidade; bat'u, três
hebraico: pats, quebrar, romper, pats'a, abrir; pats'a, ferir;
pat, pedaço de pão, pash'a, cortar em pedaços, dividir; pat'ar, dividir, separar; pat'at, cortar em pedaços
assírio: a-pats'a, fender, rachar
sânscrito: pat, rachar
latim: put'are, podar, cortar
latim popular: pett'ia, pedaço, parte
ant. armênio: bad, divisão, separação; pats, aberto, rompido
munda-santáli: bat, lote, porção; bat, tempo, espaço de tempo
tâmil: pat'ar, espalhar; patt'u, dez (lote)
japonês: bats'u, bando, facção
georgiano: betts'o, um pequeno pedaço
curdo: petj, parte, pedaço
basco: bat, um (numeral); (V. a raiz badh)
urdu: phat, fenda, racha
anamês: hat, por pat, grão, semente
himaláico: batt'a, pedra (com que se quebra)

África:
ant. egípcio: phas, quebrar
sudanês-shilluk: pot, esmigalhar, esmiuçar; puth, aleijado (quebrado)
rifenho: bett'o, repartição, fração
América do Sul
aruaque-guajira: paj, quebrar, romper:
quêchua: pat'ma, parte, metade
mako: bat'a, dois (numeral)
bororo: bot"u, cacho, penca, porção
kaingang: bus'n, vesgo, olho torto (quebrado)
tupi: pess'e, parte, pedaço
pano-caxinaua: pöç'ö, milho, moído, farelo
América do Norte:
tzutuhil-cakchiquel: pax, quebrar, romper: patz; quebrar as hastes do milho; batz, cova, abertura; bot, feixe, punhado
pomo: pat'a, pilar, socar; pax'a, golpear

II acepção: idéia de pequena porção de água
sumeriano: bad, bat, ribeirão, riacho
tibetano: bad, bat, ribeirão, riacho
finlandês: pat'o, represa, dique
munda-santáli: bat'i, copo d'água
húngaro: pat'ak, riacho
anamês: hat, por pat, gota, pingo

sânscrito: pot'a, vasilha d'água
latim: pot'io, bebida; pott'us, pequeno recipiente d'água
grego: pot'amos, rio
África:
somalo: bad, lago, lagoa
etíope-dancara: bad, lago, lagoa
banto-ganguela: pat'a, cerveja, bebida
Oceânia:
polinésico: pat'a, gota d'água
Possíveis relacionamentos:
anamês: hat, gota, pingo
(A. N.) ant. maia: at, bebida

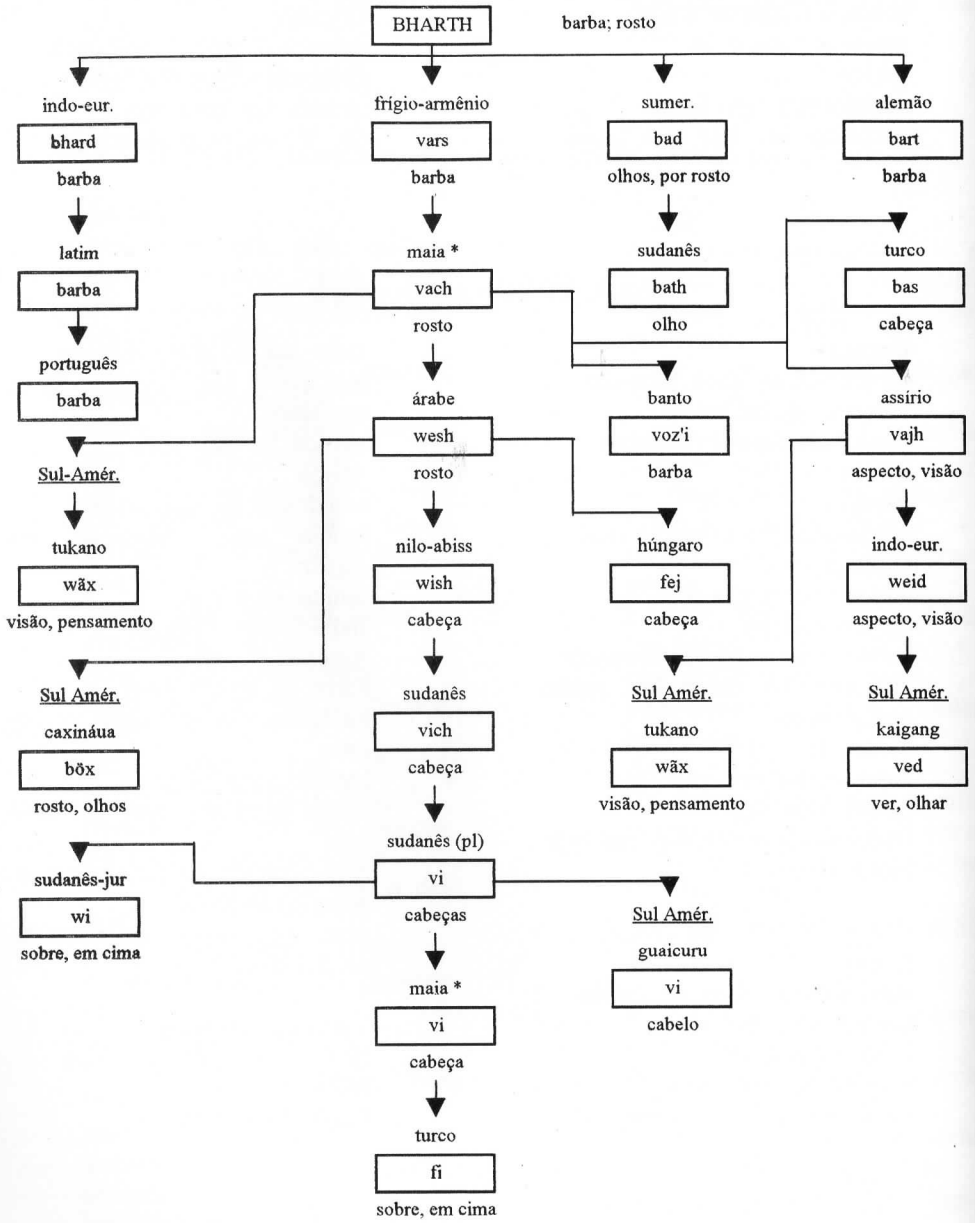
BHAH, BHÖH – gerar, produzir

Eurásia:
sumeriano: ba, gerar, produzir
húngaro: bö, fecundo
turco: bah, copular (procriar)
chinês: wo, fértil
África:
ant. egípcio: ba, princípio vital
Oceânia:
australiano: wer, ovo
América do Sul:
pano-caxinaua: ba, gerar, nascer
kaingang: ba, dar à luz, partir; bor'n, nascer
bororo: ba, ovo
katukina: bo, ovo
América do Norte:
tzutuhil-cakchiquel: boz, por boh, brotar, nascer

II acepção: viver; ser, crescer
Eurásia:
indo-europeu: bheu, ser, existir
gaélico: beo, vivo, ativo
hebraico: bou, vida
mongol: bai, ser, existir
tâmil: val, var, viver, existir
turco: var, existente, presente
tibetano: bla, vida, força, vitalidade
etrusco: fu, ser, existir
África:
mandé-tan: be, ser, existir
ioruba: mbe, existências, wa, existir
senufo: be, ser, v.
sudanês-shilluk: ba, ser, v.
América do Sul:
kariri: ba, be, ser, viver
kaingang: van, ser, estar; ve; ser, estar
katukina: uan, viver
maku: be'ei, ser ativo; be, ativo, vivo
caribe-bakaêri: be, ter, ser, haver
América do Norte
maia: be, vida, existência; be, viver, existir

Variações fonéticas:
Bhah – var – val – van – uan
Bhöh – wer
Bhöh – boh – bu – fu

Exemplo de difusão de raiz celto-germânica



* maia, considerada como língua africana proto-semítica

BHAS, BHATS – fibra, tecido, idéia de tecer, fiar

Eurásia:
sumeriano: bat, bath, tecer
hebraico: a-bash, unir, ligar; bad, pano de linho
turco: bez, linho
indo-europeu: bhendh, com infixo nasal, ligar, atar
gótico: paid'a, túnica
georgiano: batt's ari, corda
húngaro: vatt'a, algodão
japonês: wat'a, algodão
munda-santáli: baj'a, fibra para tecer
malaio: banj'ar, fio, linho (conexo com munda-santáli)
África:
banto-ganguela: pes'i, arte de tecelão; pand'o, esp. de trança; vand'o, peça de algodão, faixa, tira
América do Sul:
bororo: bet'a, esteira, trançado de palha
quêchua: wat'u, algodão (conexo com húngaro e japonês)
aruaque-guajira: paut'e, palmeira de cujas folhas se fazem tecidos.
tupi: pat'y, esp. de palmeira de fibras têxteis
América do Norte:
tzutuhil-cakchiquel: bats, tecido; paz, tanga, faixa; batz, vestir, envolver

II acepção: cobrir, vestir, envolver

Indo-europeu: wes, vestir
húngaro: ved, cobrir, esconder, ocultar
sumeriano: bat, cerca, muro, recinto
munda-santáli: bet, cobrir, envolver
tibetano: pits, pele, casca
alemão: bast, casca, cortiça
África:
etíope-huasa: fat, pele, casca
sudanês-shilluk: path, casca de árvore
ant. egípcio: h-bos, vestimenta
banto-ganguela: vand'a, pele, casca; mbat'a, tartaruga (com referência ao seu casco)
América do Sul:
pano-caxinaua: bat'i saia
América do Norte:
taína: bats, pelo (envoltório)
tzutuhil-cakchiquel: patz, cercar, envolver; bot, envolver, embrulhar; pot, saia; piz, pitz, envolver, embrulhar
catawba: pis, pele, casca
maia-quichê: pet, tartaruga (com referência a seu casco)

BÖH-BÖH, PÖH-PÖH – idéia de bater as asas ou mover-se convulsivamente

Eurásia:
sumeriano: bul-bul, tremer, mover-se convulsivamente
persa: bul-bul, coruja
árabe: bir-bir, frango
basco: pim-pir'ina, borboleta
latim: pa-pil'io, borboleta
português: bor-bol'eta, id
italiano: far-fal'eta, borboleta
alemão: fel-fal'ter, borboleta

húngaro: fu-vol'lat, brisa
África:
ki-suahili: pe-pô, vento
banto-ganguela: pala-pala, águia; mbili-mbili, borboleta
gr. umbanguiano: pu-pul'u, pulmão
Oceânia:
bisaio-hiligano: bol-bol, pluma das aves
Ilha da Páscoa: pe-par'ere, mariposa; poe-poe, barco a remo
América do Sul:
quêchua: pha-war'iy, alçar vôo
tupi: be-bé, voar; bi-bi, resvalar; bu-bui, flutuar; bu-bur'a, ferver
jê-timbira: we-wé, borboleta
mura-pirahã: pe-pé, remar
matanawi: pi-pi, urubu (abutre)
mako: wa-wá, mariposa
América do Norte:
maia-quichê: pe-pel, mariposa
khekchi: pe-pem, mariposa
nahutl: pa-pal'o, borboleta
tzutuhil-cakchiquel: pum-pan'a, pato selvagem; pe-pê, mariposa; buh-bá, bater as asas

BOLBOL, BOLBOTH – borbulhar, tremelicar (o líquido, a pasta)

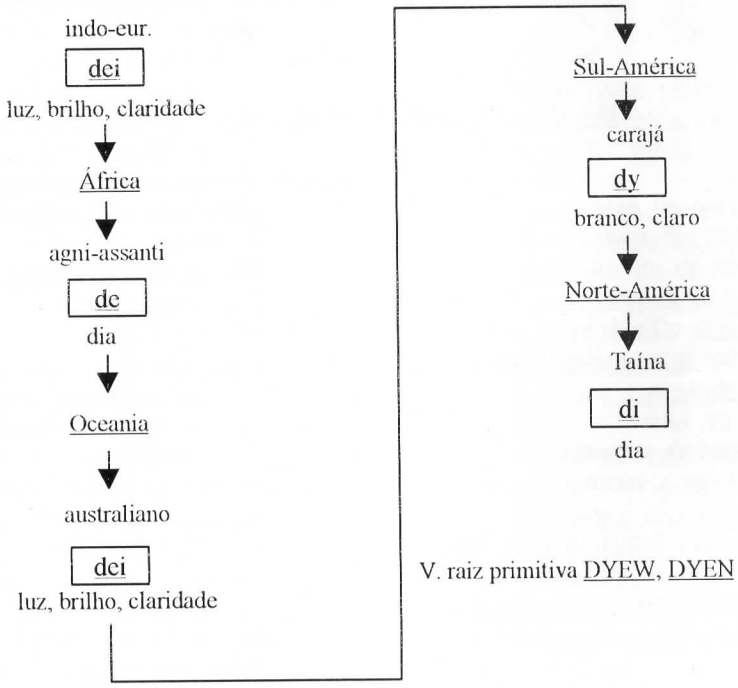
Eurásia:
sumeriano: bulbul, tremer
grego: borbor'os, lama, lodo
gaulês: borbo, água lamacenta
latim: bolbit'on, fezes pastosa, como a do boi e a caca da criança
árabe: batbat, mexer na água
georgiano: buttbutt, murmurar, como a água borbulhante
japonês: butsubutsu yuu, murmurar
África:
ant. egípcio: bibí, fluir, escorrer
etíope-bári: bubut, abdomem
América do Sul:
quêchua: pulpuy, phulphuy, borbotar, borbulhar
tupi: bubur'a, borbotar, borbulhar
bororo: bobut'a, chuva
puri-coroado: poport'a, lago
pano-caxinaua: bobô, fazer bolhas
América do Norte:
tzutuhil-cakchiquel: butbut, potpot, borbulhar, ferver; bulbux, fonte; balbot, despejar água; barbot, tremer; bohbot, agitar-se (o líquido)

BUK'W, PUK'W – idéia de dar golpes (o coração, o punho, a arma)

Eurásia:
sumeriano: buk, puk, o boi, a serpente venenosa; puk'ku, tambor
assírio: bugh'a, boi
georgiano: buw, chifre; bugh, boi
grego: bou's, boo's, por bow'os, boi; pux, dar socos; de onde, pug'me, punho
dravídico: puk, pedra
latim: pugn'a, a peleja; pugn'us, punho
sânscrito: bukh'a, coração

munda-santáli: bok'o, coração
malaio: puk'ul, bater, quebrar
coreano: puk, tambor
chinês: bo, braço, por punho
África:
gr. chariano: bok'o, punho, braço
gr. nilo-abissínio: bok'o, punho, braço
gr. banto: bok'o, mão, braço
gr. senegalo-guineense: bok'ad, agitar o braço
sudanês-djerma: buk'o, a morte, o desenlace
banto-ganguela: mbung'a, coração
Oceânia:
melanésico: puh, os dedos, por punho
Ilha de Páscoa: por'o, raio, trovão
América do Sul:
schirianá: bok'o, punho, braço
guaiacuru: a-pok'ena, punho, munheca; puw'é, chifre
quêchua santiagueño: phuc'u, tambor
puri-coroado: a-bung, flecha
botocudo: pung, espingarda (neologismo); po, punho, mão
tupi: pó, punho, mão
maká: pof, bola, pelota
América do Norte:
maia: buk, revolver a terra
tzutuhil-cakchiquel: buk, dar socos, golpear com o punho
gr., hoka: po, punho, mão

DEI – luz, brilho, claridade (raiz indo-européia)



V. raiz primitiva DYEW, DYEN

DYEW, DYEN – deus do dia luminoso

Eurásia:
sumeriano: dib, santuário; tib, deuses
sânscrito: dev'as, deus; din'a, dia; diaúh, dia luminoso
védico: dyaush, deus
latim: deus, deus; div'us, divino
grego: dios, deus, zeus, (genitivo), deus
anglo-saxão: tiw, deus da guerra
celta: due, deus
gaélico: dia, deus
etrusco: tiv, lua; tin, luz, claridade
ant.armênio: div, dia, luz
tâmil: dev, deusa
chinês: tien, dia; tien, deus; tien, céu
japonês: ten, céu, fig. ten, deus
munda-santáli: din, dia; div'he, luz
urdu: deot, deus
África:
hotentote: tiep, dia
sudanês-shilluk: thyen'o, noite, por céu (V. chinês)
América do Norte:
khekchi: tioch, ídolo (conexo com védico)
maia-quichê: teoh, deus
nahuatl: teo, divindade
koahuiltek: tep, luz, fogo, lareira
taína: di, dia

Possíveis relacionamentos:
grego: Zeus, Pater
védico: Dyaush Pitar
ant. latim: Dyù Pitar ou Dyù Pater
latim: Júpiter (com deslocamento do acento tônico)
maia: yopat, mitra que usavam os sacerdotes

HAAB – grande volume d'água; enxurrada

Eurásia:
sumeriano: ab, mar
hebraico: aab, mar
pelágico: ab, aw, au, água
gaélico: ab'er, água
celta: ev'a, eff'a, bebida
sânscrito: ap'as, amb'u, água
turco: ab, água
curdo: av, água
húngaro: hab, escuma
japonês: aw'a, escuma
África:
ant. egípcio: hab'it, escuma; op't, hipopótamo (lit. da água)
hotentote: hab, rio; aw'i, chuva
Oceânia:
australiano: ap'a, ob, água
polinésico: au, aw, corrente oceânica
Ilha de Páscoa: hop'u, lavar-se, banhar-se
América do Sul:
kariri: heb, rio
mura: ap'i, água, rio, chuva
macuni: ab'i, lavar, banhar
América do Norte:
tzutuhil: haab, hab, aguaceiro
cakchiquel: haab, hab, aguaceiro
khekchi: hab, chuva
lutuami: amb'u, água (V. sânscrito)
Ob. V. a raiz HAM, variação fonética de HAAB.

Raiz primitiva originária da mímica bucal

HAP – abocanhar, caçar, devorar

Eurásia:
celta: happ'a, devorar
munda-santáli: hap, abocanhar
sumeriano: eb, ep, caçar, capturar
turco: av, caçar, pescar
tibetano: hab, bocado, quantidade que se põe na boca
ítalo-céltico: av, desejo, apetite
hebraico: au'a, desejar avidamente
África:
hotentote: hap'u, devorar
Oceânia:
Ilhas Havaí: hop'u, agarrar, caçar
Ilha de Páscoa: op'o-op'o, devorar
América do Sul:
aruaque-guajira: ap'a, colher, agarrar
quêchua: jap'iy (hap'iy) agarrar, capturar
América do Norte:
maia: hap, abocanhar
nahuatl: huap'aua, nutrir, alimentar

II acepção: 1) boca, dente; 2) instrumentos de corte

Eurásia:
sumeriano: hap, boca; ab, ap, machado turco
coreano: ip, boca
germânico: hap'ia, faca, machado
África:
ant. egípcio: obh, dente
somalo: af, boca
etíope-tigrigna: haf, boca
Oceânia:
Ilhas Havaí: hop'e, ponta, extremidade
América do Sul:
guaicuru: ap, boca
kariri: hêb'i, boca, lábio
caribe: êp'i, bico
mura-pirahá: ip'o, língua, por boca
mundurucu: ueib, boca
maku: heib'a, tesoura
mura-manicoré: âw'i, ponta de flecha
botocudo: amp, agudo, pontudo

III acepção: animais que abocanham ou possuem dentes aguçados

Eurásia:
assírio: ap'a, víbora, ap'a, hiena
hebraico: eph'a, víbora, serpente
japonês: hab'u, víbora, heb'i, serpente
húngaro: eb, cachorro
indo-europeu: ap'r, javali
África:
banto-ganguela: au, serpente,; omb'o, javali
América do Sul:
kaingang: hamp'á, crocodilo, hob, lobo
jê-timbira: rob, por hob, onça, jaguar
torá: a-hop, crocodilo
urupá: a-hop, crocodilo
carajá: a-ov'a, lobo
bororo-orari: aw, serpente
botocudo: hamp'o, urubu, abutre

IV acepção: abraçar, colher; levar nos braços

Eurásia:
indo-europeu: ap, colher, apanhar
etrusco: ap, prender, colher
hitita: eip, abraçar, agarrar
sumeriano: hup, conquistar, adquirir
gótico: hab'an, prender, agarrar
ant. norueguês: haf'a, prender, agarrar
latim: habere, ter, possuir
ant. armênio: ap, apoiar (nos braços)
dravídico: ap, filho (em relação à mãe que o leva nos braços)
África:
ioruba: ap'a, os braços
Oceânia:
Ilha da Páscoa: ap'a, carregar, transportar
América do Sul:
quêchua: ap'a, o que se pode levar nos braços; ap'ay, levar nos braços
aimara: ap'aña, levar, transportar
aruaque-guajira: ap'a, colher, agarrar
uro: ap'a, colher, agarrar
mura: âp'i, braço
jê-timbira: aw, braço
trumai: hap'at, filho (em relação à mãe que o leva nos braços)
América do Norte:
gr. hoka: ap, levar, transportar
catawba: ueb, agarrar, prender, segurar

V acepção: idéia de envolver, proteger

Eurásia:
sumeriano: ap, proteger
indo-europeu: aw, idéia de passar a noite num abrigo
ant. armênio: ap, apoiar, proteger
sânscrito: av'ara, guarda, proteção
húngaro: óv, prevenir, proteger; öv, faixa
japonês: ôb'i, faixa, hob'o, ub'o, ama, protetora
hebraico: aph-aph, cobrir, proteger
finlandês: ap'e, ídolo protetor
África:
ant. egípcio: hob's, cobrir, envolver, proteger
ioruba: ap'o, recipiente (idéia de guardar, proteger)
nígero-camerunês: ep'a, pele (idéia de envolver, proteger)
Oceânia:
Ilha da Páscoa: âp'i, cobrir, tapar, proteger
América do Sul:
tupi: a-ob'a, pano, roupa
chiquito: a-îb'i, pano, roupa
schirianá: ap'a, recipiente protetor
matanawi: âp'i, rede de dormir (idéia de proteção)
América Central:
taína: (haitiano): hav'a, recipiente protetor
América do Norte:
maia: (guatemalteco): op'on, fechar, proteger

VI acepção: o pai, o mais velho, o protetor

Eurásia:
sumeriano: ab, pai; ab, homem velho
hebraico: ab, pai
árabe: abb, pai
fenício: hob, pai
assírio: avv'a, pai

indo-europeu: aw, avô, ancião
hitita: ab, pai
dravídico:ab, pai
tibetano: ap'a, pai
himaláico: ap'o, homem velho
África:
etíope-guragê: ab, pai
somalo: ab'o, pai
nígero-camerunês: eb'a, homem, macho
hotentote: ip, pai
Oceânia:
australiano: ab'a, pai
América do Sul:
uro: ap, pai
chipaya: hep, pai
pano-caxinaua: öp'a, pai
tupi: ub'a, pai
guaicuru: ap'e, avô
quêchua/aimara: ap'u, senhor
aruaque-guajira: ap'o, sábio, experiente
carajá: âb'u, homem, macho
América do Norte:
hoka: ib, pai; ab'un, avô

JÜÜ, YÜÜ – água, líquido

Ásia:
chinês: jii, torrente, curso d'água; yu, banho; yü, chuva
japonês: yu, água quente
sumeriano: ê, água
África:
mandé-tan
Oceânia:
melanésia: chê, água
América do Sul:
proto-tupi: yy, água, rio
guarani-nhadeva: yy, água
tupi-maué: eê, água
aruaque-guajira: juy, aguaceiro
carajá: öö, lago, lagoa
opahiê: yu, sangue, líquido
América do Norte:
catawba: yehî, água

II acepção: nome que alguns povos dão ao peixe

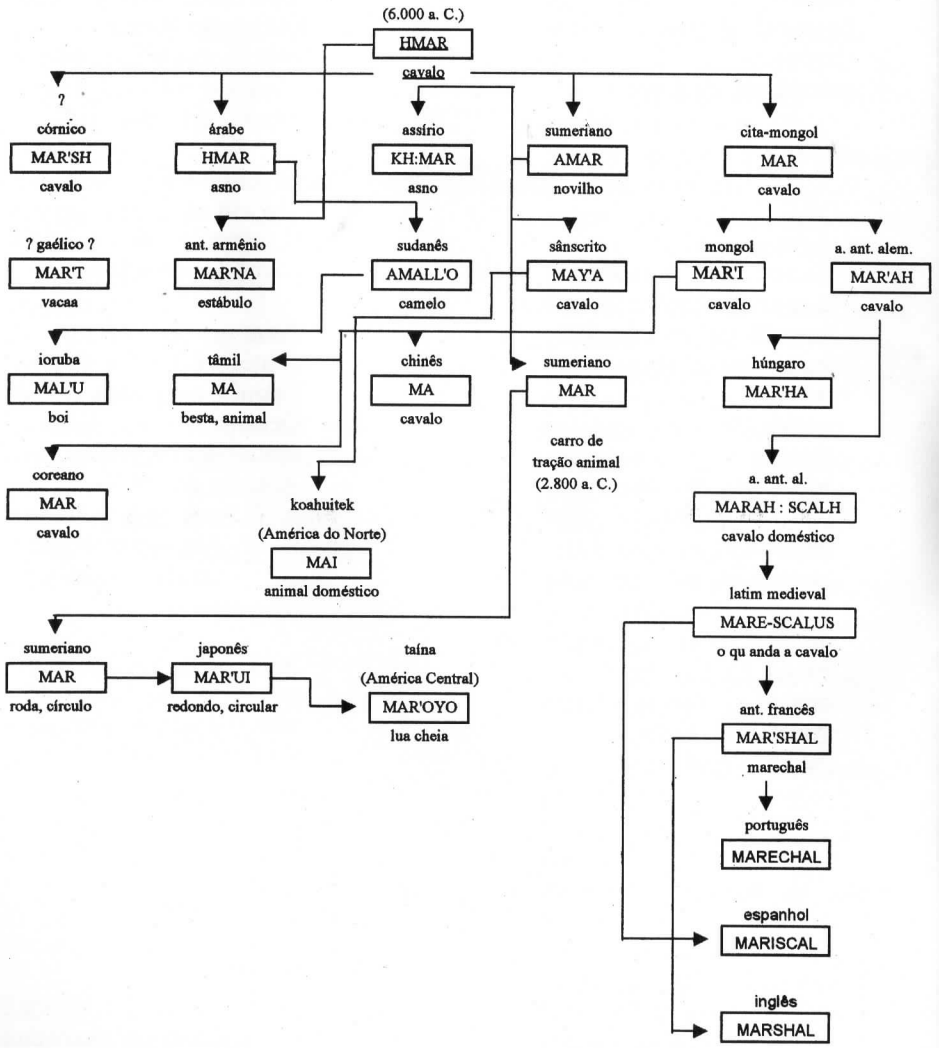
Ásia:
chinês: yü, peixe
japonês: a-yu, truta, esp. de peixe
Oceânia:
australiano: ji, peixe
América do Sul:
tupi: ju-í, rã; lit. peixinho
América do Norte
catwba: yi, peixe

Nota: Esta raiz paleolítica que, primitivamente deveria expressar a sede, o desejo de beber, permaneceu em poucas línguas

EXEMPLO DE DIFUSÃO DE RAIZ PRIMITIVA

O cavalo, ao que tudo indica, é originário do Turquestão. Sabe-se, historicamente, que o cavalo era usado como montaria no Elan, no Golfo Pérsico, antes do ano 3.500 a.C., mercê da representação de um homem cavalgando.

iraniano hipotético



KAN – (Raiz indo-sina) ver, olhar

Ásia:
dravídico: kan, ver, olhar
chinês: kan, ver, olhar
tâmil: kan, olhos
anamês: kien, ver, olhar
japonês: ken, ver, observar (fuzambô); gan, olho
húngaro: kem, espião
malaio: ken'al, conhecer, reconhecer
sânscrito: kan'á, caolho
África:
adyukru: ken, ver, olhar
gr. chariano-udiano: kem, olho
hotentote: ghan, conhecer; ke, ver olhar
etíope-bári: konh'e, olhos
sudanês-shilluk: ghin'y, olhos
Oceânia:
Ilhas Havaí: kan'a, ver, olhar
América do Sul:
botocudo: kan, olho
kaingang: kan'é, olho
América do Norte:
ant. maia: khan, ver, olhar
koahuiltek: kan'e, olhos
huichol: kan'a, rosto, por olhos

KÃWY, KWAY – idéia de queimar, abrasar (raiz semita)

Eurásia:
sumeriano: kab, queimar, abrasar
grego: kaw, idéia de queimar
árabe: kaw'a, cauterizar; kaw'y, cáustico; kay, cauterização
hebraico: kau'a, queimar
assírio: kwai, cauterização
chinês: kao, esquentar, assar
tâmil: kay, ser quente
indo-europeu (seg. Webster): qai, calor
África:
banto-ganguela: kay'a, tabaco
hotentote: kaub, raio, centelha; gai, fumar
Oceânia:
polinésico: kau, árvore, lenha
Ilha da Páscoa: Kav'a, cáustico
América do Sul:
quêchua: qãw'i, seco ao sol; qay, o que é seco ao sol
khap'u, qualquer erva lenhosa que serve para combustão
aimara: kkow'a, incenso
tupi: cai'a, queimar
iaté: khai, cozinhar
América do Norte:
ant. maia: cab, fervura, tudo que ferve

Através do árabe e do turco:

KAH-WAH, KAH-WEH – acepção de "o que é queimado"; "o que serve para queimar"

árabe: kah-wãh, café (bebida)
turco: kah-weh, café (bebida)
tibetano: kha-ba, café (bebida)
África:
somalo: qa-uó, café (bebida)
ki-suahili: caa-uá, café (bebida)

etíope-hausa: ga-wai, carvão
Oceânia:
Ilhas Marquesas: ka-au, madeira, lenha
indonésico: kah-oy, madeira, lenha
América do Sul:
araucano: ca-ven, arbusto de que se faz carvão
kaingang: ka-fé, galho, ramo; ka-á, pau, lenha

tupi-guarani: ca-á, erva de que se faz bebida; por ext. mato, qualquer vegetal

jê-timbita: ka-hy, amendoim (que se come torrado)
kamakan: ka-í, erva
América do Norte:
koahuiltek: ka-he, tabaco

Nota: Após uma acurada observação deste confronto lingüístico, podemos aventar a hipótese de uma ligação pré-colombiana entre África e América através da corrente oceânica que, do Golfo de Guiné, vem tocar as costas do Brasil, seguindo em direção ao Golfo do México.

KHABH, KHAPH – a palma da mão; a mão; o pulso; o braço

Eurásia:
sumeriano: kab, kub, o lado esquerdo (a mão esquerda)

fenício: kaph, a palma da mão
hebraico: qaph, mão
árabe: kaff, a palma da mão
assírio: gap'a, axila, por braço; gap'a, apanhar, caçar
indo-europeu: kaph, pata, casco; kap, agarrar, prender
catalão: a-gaf'ar, agarrar, pegar
pelasgo: gab, mão
celta: gob'er, fazer
italiano: gamb'a, perna, por braço
húngaro: comb, coxa, perna, por braço
finlandês: koip'i, perna, por braço
turco: kef, a palma da mão
himaláico-purik: kaum'a, por kaub'a, pé, por mão

África
ant. egípcio: k'b, braço; sh'p, a palma da mão
sudanês-djerma: kamb'e, mão
grupo banto: kwap'a, axila, por braço
nígero-camerunês: gap'sha, axila, por braço
hotentote: gõãp, braço
nilo-abissínio: gam, por gamb, perna, por braço
Oceânia:
indonésico: kab'ei, mão; kap'i, asa
melanésico: kap'o, braço; kap'uru, unha da mão
América do Sul:
Aruaque-mehinako: káp'u, mão
aruaque-waurá: káp'i, mão
uru: kúp'i, mão
tupi: cup'y, perna, por braço
mura: kow'e, a palma da mão
auetó: kow'a, braço
quêchua: kap'um, ter, possuir, kap'a, palmo (medida)

aimara: kkop'i, punhado, mancheia; kkup'anã, pegar
América do Norte:
ant. maia: kab, braço
tzutuhil-cakchiquel: gab, mão, braço
maia-quichê: cap, juntar, colher

K'RAN, K'RÖN – crânio

Eurásia:
grego: kran'ion, crânio
latim: cran'ium, crânio
celta: cren, crânio
gaélico: cremh, osso
hebraico: qerem, corno, chifre; qerem, osso
ant. armênio: khalan, cabeça
tibetano: m'khran, sólido, rijo
finlandês: 'ran, por kran, crânio
América do Sul:
proto-jê: kran, cabeça
botocudo: kren, cabeça, chifre
kaingang: krin, cabeça

Neste quadro comparativo é notória a influência do celta em línguas indígenas da América do Sul.

K(W)AK, K(W)OK – idéia de acender, queimar, alumiar

Eurásia:
ítalo-céltico: kokw, queimar, cozinhar
celta: cok, vermelho cor de fogo
hebraico: qaaq'a, ressecado pelo fogo
latim: coqu'ere, cozinhar; coqu'us, cozinheiro
inglês: cook, cozinhar; cozinheiro
alemão: koch'en, cozinhar; koch, cozinheiro
finlandês: kokk'i, cozinhar; kokk'o, fogueira
ant. armênio: khakk'i, cozinhar; kak'ar, bolo (assado)
munda-santáli: cok, brilho
japonês: kag'e, luz
chinês: kang, torrar, queimar
malaio: kanj'i, arroz cozido

África:
sudanês-shilluk: gwak, defumar
banto-ganguela: kang'a, fritar, assar; kang'o, pedaço de toucinho assado
Oceânia:
australiano: kak, lua; kang, sol
América do Sul:
kaingang: kiak, fazer fogo
quêchua: kank'ay, cozinhar; kankh'a, milho torrado; kanch'ay, luz
aimara: kank'a, assado
América do Norte
maia: kak, cozinhar; kak, fogo; kahk, vermelho cor de fogo; khak'al, ruivo cor de cobre, de onde, khak'al pequeno leopardo ruivo
kichê: cak, fogo; cak, vermelho

khekchi: chak, cozido

Possível relacionamento:

hebraico: qaaq, ressecado pelo fogo
turco: cak, seco

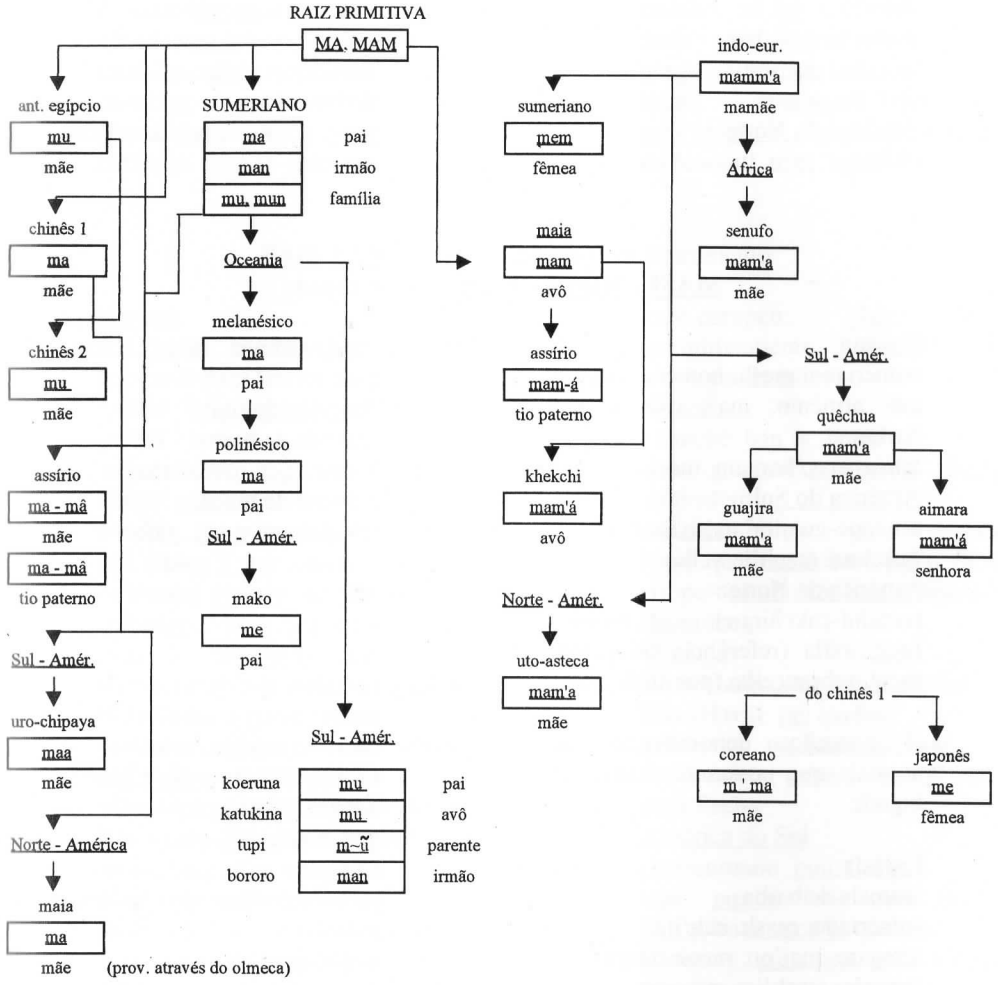
MAH, MÖH (MÖN) – homem, gente, pessoa

Eurásia:
sumeriano: ma, me, men, homem, escravo, rei, macho, pênis; mu, mun, homem
tâmil: man, ser humano, gente
germânico: mann, homem
chinês: min, povo, gente
tibetano: mi, homem
himaláico: mi, homem
ant. armênio: mi, um, algum, alguém
finlandês: muu, alguém
África:
ant. egípcio: mer, camponês
banto-ganguela: mu, pref. nominal para seres animados
Oceânia:
australiano: ma, menino, rapaz
América do Sul:
guató: mu, pref. nominal para seres animados
jê-timbira: me, gente, pessoa
tupi: men'a, marido; um, parente, amigo

II acepção: elemento pronominal

Eurásia:
sumeriano: me, eu; ma, mu, meu, minha; mu, nós
indo-europeu: me, meu, minha
etrusco: mel'e, meu, minha
himaláico-kagami: me, eu
ant. armênio: mer, nosso
húngaro: mi, nós
assírio: man, quem, pron.
finlândes: me, nós
África:
ioruba: mi, eu, meu; mo, eu
krao: me, tu
sudânes-shilluk: mie, nosso; mia, meu, minha; men, este
etíope-hausa: mu, nós
akyê: me, eu; mun'e, vós, vosso
gûa: ma, eu
agni-assanti: me, mi, eu
senufo: me, eu; ma, tu
adyukru: me, eu
kyama: me, eu
banto-xironga: mi, nós
Oceânia:
australiano: mi, eu
melanésico: ma, teu
bisaio-hiligano: mo, de ti
América do Sul:
tchapakura: me-, mi-, eu
tukano: mee, tu
pano-caxinaua: mi, tu; mã, vós
jê-timbira: me, eles; me, vosso, vossa
aimara: ma, tu, teu
tcharrua: um, teu
bakaêri: mar'a, aquele
jarura: -me, teu

MA, MAM – Termo infantil designando pessoa querida da família



Cont. de **MAH**, **MÖH**, **(MÖN)** :

cholona: mi, tu
mosetena: mi, tu
moluchê: mi-, teu
tsoneka: ma, teu
ona: ma, teu
América do Norte
chilanga: man, tu
gr. hoka: ma, tu
mixe: mi, tu
klamata: mi, tu
gr. uto-asteca: mi, tu
totonaca; min, meu
tshokoyan: mih, tu
mutsun: men, tu
yuki, pomo, copehan, miwok: mi, me, tu

MASH, MÖSH – barba, por ext. bigode

Eurásia:
sumeriano: mesh, homem, macho
ant. armênio: maz, cabelo, por barba
latim: mas, homem, macho
América do Sul:
aruaque-guajira: mash, barba
quêchua: mach'u, velho
América do Norte:
tzutuhil-cakchiquel: mech, barba; mez, axila (referência ao pelo); metz, sobrancelha (por analogia)

II acepção: denominação de animais que possuem barba ou bigode

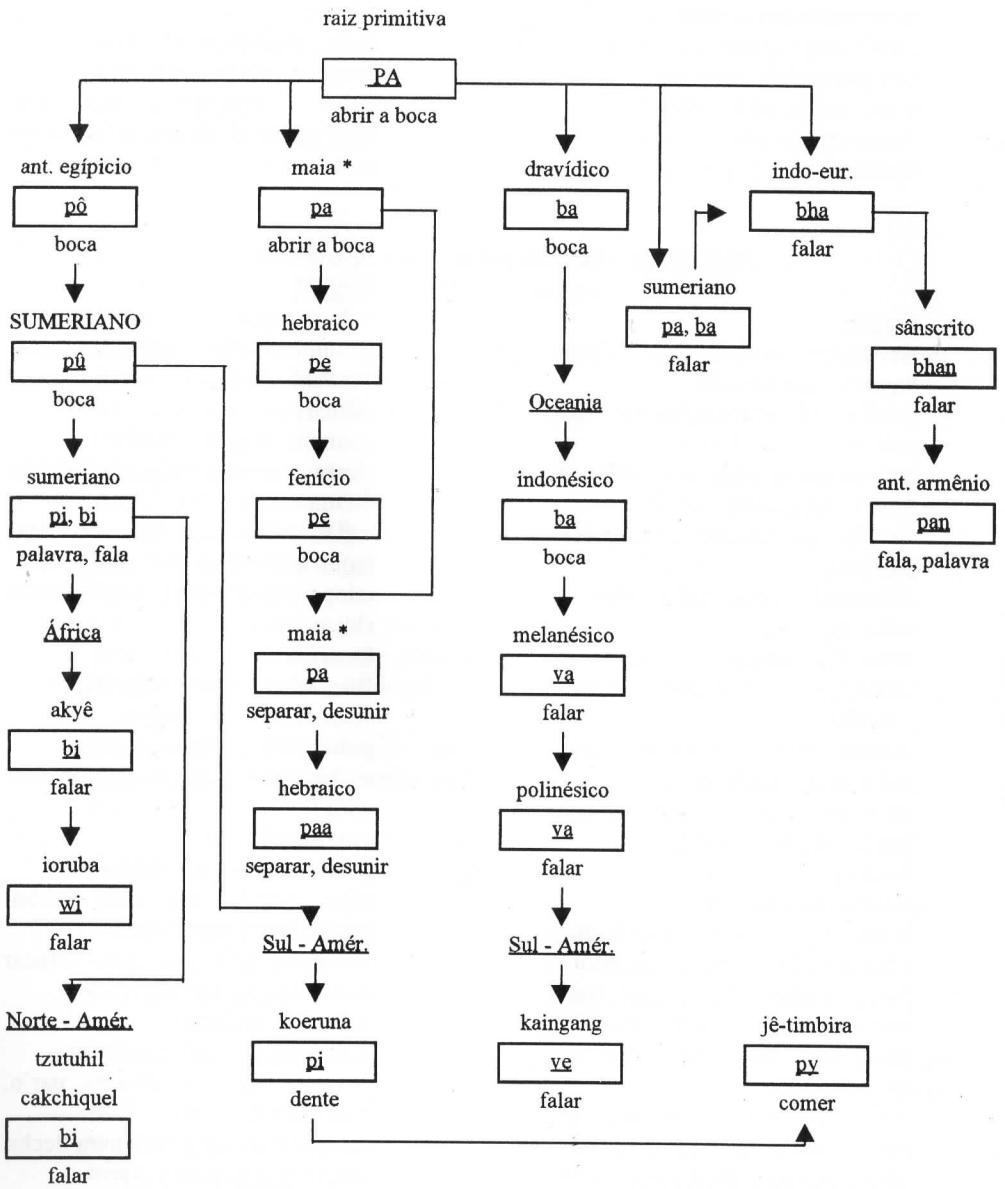
Eurásia:
animais de barba:
sumeriano: mash, cabrito
húngaro: maj'on, mono, bugio
japonês: mash'ira, macaco
animais de bigode:
indo-europeu: mus, rato
ant. armênio: mug, rato
África:
animais de bigode
etíope-hausa: muz'a, gato
sudanês-djerma: mûs'u, gato
banto-xironga: mhis'i, hiena, por gato
América do Sul:
animais de barba:
caribe: mec'o, macaco
animais de bigode:
tchapakura: mis'i, gato
chiquito: miç'i, gato
guaymi: mich'i, gato
darasque: mich'i, gato
paez: mixs, gato
yavitara: mich'i, gato
galibi: mech'e, gato
caraiba: mech'u, gato
tucano-uanana: miks'i, gato
aimara: mis'i, gato
quêchua: mis'i, gato
kaingang: mik, gato
pano-caxinaua: mak'a, rato do mato
mako: mats'o, rato
América do Norte:
animais de barba:
tzutuhil-cakchiquel: max, mono, macaco; mech, certo peixe de barba
khekchi: mach, macaco
animais de bigode:
tzutuhil-cakchiquel: mez, miz, gato

maia-quichê: miz, gato
cora: mits'i, gato
tepehuan: mitz'o, gato
mexicano: mits'o, gato
cahita: miz'i, gato
tarahuar: miz'a, gato
pame: mix'i, gato
otomi: mix'i, gato
chilanga: mist'u, gato
zapoteca: mij, gato
Do Indo-Europeu: mus, rato
sânscrito: mush'ka, testículo; lit. ratinho
árabe: mush'k, testículo
grego: mos'chos, testículo
latim: mus'cus, testículos, mus'culus, o biceps, o músculo do braço

PAH, PAN – idéia de golpear com instrumento

Eurásia:
sumeriano: ba, bar, par, golpear; ban, arco para flecha
gaulês: bal, golpear, cortar; ball, pelota
ant. armênio: pan, pão (idéia de bater); pah, cavar com pá
catalão: pa, pão (idéia de bater); pal, pau
latim: pal'us, pau; pan'is, pão
celta: par, lança
turco: bel, espada
tâmil: pan, trabalho; pann'u, trabalhar
malaio: pah'u, golpear, cortar; pal'u, bater, quebrar
sânscrito: pan, pregar estacas; ban'a, flecha; bhall'a, esp. de flecha
fenício: bon'oh, edificar
árabe: ban'a, construir; bann'a, pedreiro; bar, relâmpago assírio: pahn, quebrar em peças; pal'a, trabalhar (com instrumento)
hitita: ban, arco para flecha; vaa, quebrar, partir
chinês: bai, ruído das vagas; pai, onda (idéia de bater)tibetano: phon, arco para flecha; bur, dardo, flecha; ben, bastão, bengala
indo-europeu: bhar, trigo (primitivamente golpeado com machado de mão)
África:
guanche: ban'ot, lança
banto-ganguela: mpun'a, flecha de madeira
sudanês-shilluk: bul, tambor; bann, quebrar, dobrar; pal'o, faca
etíope-oromônico: ban'a, operário (V. árabe)
Oceânia:
Ilhas Marquesas: pan'a, flecha
Ilhas Havaí: pe, quebrar
polinésico: pa, bater, quebrar
melanésico: pehn'a, pan'ó, arco para flecha
América do Sul:
puri-coroado: pun, flecha
tupi: pun'a, ferir com flecha; pan'a, bater; pen'a, quebrar
kaingang: pan, pen, pon, golpear com arco; pa, po, pan, pedra
iaté: pha, quebrar
kariri: pa, po, partir, quebrar
bororo: pa, quebrar; par'o, machado de pedra
tchapakura: pár'i, arco para flecha
urupá: pan'a, pau

Raiz paleolítica originária da mímica bucal



Cont. de **PAH**, **PAN** :

matanawi: par'eá, arco p/ flecha
huari: pai, flecha, dardo
maku: pae, pedra
chiquito: paa, machado
caribe-bakaêri: pi, machado
uro: par'a, pau
pano-caxinaua: pön, bater, golpear
tukano: pa, pedra
araucano: pal, enxadão
América do Norte:
maia: pa, cavar a terra: pa, rachar a madeira; paa, quebrar, romper; pan, trabalhar com instrumento (V. árabe)
gr. hoka: pa, dardo, flecha

Possíveis relacionamentos:
indo-europeus: bhar, trigo
(Áfr.) somalo: bur, farinha de trigo
(Áfr) sudanês-djerma: bur'u, pão
(A. N.) maia: bar, fazer pastelarias

PAT, PÖT – pata, pé; rastro, caminho

Eurásia:
sumeriano: ba, pat, pé
assírio: pat'a, rastro
indo-europeu: pad, pod, pé
tâmil: pat, passo, marcha; pat'uk, bater com os pés no chão
munda-santáli: bat, caminho
malaio: bat'is, perna
África:
ioruba: bat'a, sapato
Oceânia:
indonésico: pat, pé
australiano: wat'a, pé
América do Sul:
caribe: pet'i, perna; put'u, pé
kaingang: pend, pé
trumai: pit'i, pé, artelho
pataxô: pat'a, perna
quêchua: pat'a, piso, escada
kamakan: wat'i, dedo do pé
maxacali-macuni: pat'aan, caminho, rastro
botocudo: potch'a, calcanhar
cumanachô: patá-id-patá, pé
América do Sul:
tzutuhil-cakchiquel: pat, armadilha para caçar animais pelo pé
chiapaneca: i-pot'a, caminhar
cahita: pit, caminho

Possíveis relacionamentos:
tâmil: patuk, bater com os pés no chão
(A.S.)tupi: patuc'á, pisotear (dançar)
australiano: wat'á, pé
(A.S.) tupi: wat'á, guat'á, andar, caminhar, passear

ROUSH, ROUTS – 1) brasa ardente; 2) de cor viva, brilhante

Eurásia:
sumeriano: rus, rush, de cor viva, brilhante; luth, sangue; luth, vinho tinto
celta: rudh, vermelho
indo-europeu: rudh, reudh, de cor vermelha; leuk, brilhar
ant. alemão: rost'en, assar na brasa
hebraico: rat'a, cozinhar (assar)
assírio: roud'a, rosa
grego: rhod'on, rosa
latim: ros'a, rosa
sânscrito: ruk, luz; ruk, resplandescente; rik, brilho
urdu: roz, dia
chinês: ri, sol; ré, quente, ardente; lu, forno, fogão
catalão: roig, vermelho; ros, ruivo

África:
ant. egípcio: rokh, fogo; rakh, brasa; ra, sol
sudanês-shilluk: ruoth, colorir
banto-banguela: lot'a, por rot'a, cinzas encarnadas
Oceânia:
Ilha da Páscoa: ret'o-ret'o, vermelho encarnado
América do Sul:
uro: lok, sangue
bororo: ru, fogo
América do Norte:
tzutuhil-cakchiquel: rutz, certa flor vermelha; rot-rot, brilhar
taína: ris, de cor vermelha

Possíveis relacionamentos:
chinês: ré, quente, ardente
(A.N.) tzutuhil-cakchiquel: ren, reverberar o sol

SAN[1] SÖN[1] – fio, fibra; cabelo

Eurásia:
sumeriano: sam, fio, fibra
assírio: sem'a, fio, fibra
ant. armênio: sam, cabelo
chinês: san, cabelo; sien, fio, fibra
húngaro: sin, fio, fibra
japonês: tsun'a, corda
indo-europeu: sne, por sen, fiar, tecer
grego: xain'os, fiar, tecer
alemão: sehn'e, corda
África:
ant. egípcio: sen, cabelo
adyukru: sin, cabelo
América do Sul:
tupi: sam'a, fio, fibra (V. sumeriano)
kaingang: xen, fio, fibra
jê setentrional: sun, cabelo
chipaya: sam'i, piolho (sem dúvida relacionado com cabelo)
quêchua: sham'ri, fio embaraçado
maku: tchun, barba, bigode
aimara: san'u, pente
aruaque-baniwa: shan'uma, barba
América do Norte:
nahuatl: tzon, cabelo
cahita: chon'i, cabelo
paiute: tcho, cabelo
tzutuhil-cakchiquel: xim, atar, amarrar; tzun'un, escada de corda (V. japonês)

SWAL, SWOL – idéia de brilho, brancura, claridade

Eurásia:
sumeriano: zal, zar, brilhar; sa, se, si, luz; si, iluminar; shar, céu: shir, shur, luz, esplendor
indo-europeu: sal, sal; swol, sol
védico: svar, céu
sânscrito: svar, brilhar
assírio: sahr'a, lua; zhar'a, clarear, limpar
hebraico: sar'aph, brilhar; tsoár, luz; tsaár, ser branco
árabe: sheel, alumiar
fenício: shel'eg, neve
urdu: sol'a, chama, flama
turco: sar'i, amarelo; çil, luz, claridade; shir, leite (brancura)
curdo: chir'o, leite
japonês: shir'o, branco; sor'a, céu; choo, manhã
húngaro: cel, branco; csill'ag, astro, estrela
mongol: sir'a, amarelo; sol'ong, arco-íris
finlandês: sää, tempo, estado atmosférico
basco: sua, fogo
chinês: shai, azul celeste; sa, areia (brancura)
tibetano: tsha, sal; ser, amarelo
himaláico-purik: ser, ouro; sar, luz, lume; tshá, sal
malaio: xer'ah, branco, claro; zil, brilhar

África:
ant. egípcio: siu, estrela
hotentote: sor'es, sol; sui, luz, claridade
etíope: chor'a, raios de sol
agni-assanti: sar'a, lua
sudanês-shilluk: tchar'e, luz, brilho
banto-ganguela: so, a luz do sol; selw'a, sem dúvida por swel, nuvem, brancura
América do Sul:
chibcha: suhá, sol; chia, lua
guató: xuo, sol, dia
iaté: so, manhã; txa, céu
chiquito: çuu, sol, dia
maku: tchoó, arco-íris
trumai: so, fogo
jê- timbira: swa, sal
kaingang: xa, sal
mako: sáy'u, sal
América do Norte:
ant. maia: zoa, sol (V. hebraico)
tzutuhil-cakchiquel: chou, branquear; tsa, sal
nahuatl: tzal, resplandecer (V. sumeriano)
koahuiltek: thiah, sol
gr. hoka: tsa, brilhar
pomo: xaa, dia
zapoteca: xweo, fogo; tsi, dia
cahita: suul, estrela
chilanga: sir'i, estrela
athabasko: so, estrela

BIBLIOGRAFIA MÍNIMA

Para a execução deste trabalho foram consultados mais de oito mil livros e revistas, bem como documentos raros, durante um período de 40 anos. Seria exaustivo enumerá-los.

Andonov, M. – Historical Grammar of Tamil Language, London

Bacot – Grammaire du Tibétain Littéraire, Paris, 1946-1948

Barenton, Hilaire de – Lexique Sumérien - Française, Paris, 1932

Bevilaqua, Amleto – Nuovo Vocabulario Italiano - Amarico, Roma, 1937

Bloch, Jules – Langues Dravidiennes, Paris, 1946

Bolding, P.C. – A Santal Dictionary, Oslo, 1929

Burrow, Thomas – The Sanskrit Language, London, 1955

Cohen Marcel – Traité de Langue Amarique, Paris, 1936

Eneneau, N. B. – Studies in Vietnamese

Englest, P. Sebastian – Diccionario Rapanui – Espanõl

Fevre, P. – Dictionnaire Malais – Française

Forrest, B.A.D. – The Chinese Language, London, 1948

Fuzambo – Romaji-de-hiku Kokugo jiten, Tokyo, sem data

Gatti, Ricardo – Studi sul Grupo Linguistico Andamanese-papua-australiano

Hauterive, R. Grandsaignes d' – Dictionnaire des Racines des Langues Européennes, Paris, 1949

Ibañes, Esteban – Dicionario Rifeño-Español, Madrid, 1949

Hamburger, L. – Noms des Parties des Corps dans les Langues Negro - africaines

Jaske, H.A. – A Tibetan-English Dictionary, London, 1949

Latouche, Robert Auguste – Dictionary Idio-etymological Hebrew

Leslau, Wolf – Ethiopic Documents, New York, 1950

Manual Gramático Japonês – Português, apostilas do Instituto Cultural Brasil – Japão, São Paulo

Monier-Willians – A Sanskrit-English Dictionary, Oxford, 1951

Muratori, Carlo – Grammatica Lotuxo, Verona, 1938

Orohan, Alexander Joseph – Assyrian Language and English

PISANI, Vittore – Introduzione alla Linguistica Indeuropea. Torino, 1949

Noda, Ryoji – Dicionário Japonês – Português, Tokyo, 1963

Rivet, Paul – Sumérien et Océanien, Publication de la Societé Linguistique de Paris, t. XXIV, 1929

Perez, Lucas Espinosa – Propedeutica Etnioglotologica y Diccionario Clasificador de las Lenguas Indoamericanas

Seidel, August – The Hausa Language, London, 1906

Spagnolo, L. – Bari Grammar, Verona, 1933

Simon, E.J.W. – 1.200 Chinese Basic Characters, London, 1947

Tibiriçá, Luiz Caldas – Notas e Observações sobre um Confronto Japonês – Ameríndio, São Paulo, 1970

Tibiriçá, Luiz Caldas – Monografia sobre as Denominações das Partes da Cabeça em Proto- Asiático, S. Paulo, 1963

Tibiriçá, Luiz Caldas – Nas Sendas da Paleolingüística, obra inédita

Tchang Tchaen Ming – L'Ecriture Chinoise et les Gestes Humaines, Paris, 1937

Waldstein, Abraham Salomon – English-Hebrew Dictionary

Wallis, Budge, Sir E. A. - Egyptian Language, London, 1971

Vieira Baião, Pe. Domingos – Línguas de Angola, Lisboa, 1939

Viterbo, Ettore – Vocabulario della Lingua Oromonica, Milano, 1892

LÍNGUAS AMERÍNDIAS

Abreu, Capistrano de – Língua Bakaêri, São Paulo, 1976

Acta Praehistorica, Buenos Aires.

Adan Lucien – Arte y Vocabulário de la Lengua Chiquita

Adan, Q.F.L. - Materiaux pour Servir à l'Etablissement d'une Grammaire Comparée des Dialectes de la Langue Caribe

Anais do XX Congresso de Americanistas, t. I, Rio de Janeiro, 1932

Andrade, M. J. – Quileut Textes

Anônimo – Las Misiones Catolicas em Colombia, Bogotá

Baldus, Herbert von – Sprachprosen des Kaingangs von Palmas, Antropos, t. XXX, Viena, 1935

Caldas, José Augusto – Vocabulário da Língua Indígena dos Bororos – Coroados, Cuiabá, 1899

Cardoso, Armando Levi – Toponímia Brasílica, Biblioteca do Exército Editora, Rio de Janeiro, 1961

Cartilha Mamaindê – Brasília, 1977

Carvalho, João Bráulio – Breve Notícia dos Índios que Habitavam a Fronteira do Brasil com o Peru, Boletim do Museu Nacional, t. VII, Rio de Janeiro, 1931

Casas, A. – Publicación sobre textos, diccionarios y gramáticas del Kamsá, Siona, Kofán y otros idiomas del Putumayo, 1939-1946

Casas Manrique, M.J. – Apuntes sobre la Fonética del Idioma Huave, Revista del Colégio de Rosarios, v. VIII, Bogotá, 1912

Castelnau, Francis de – Expédition dans les Parties Centrales de Amérique du Sud, Paris, 1852

Castelvi, Marcelino – Perez, Lucas Espinosa – Propedeutica Etnoglotologica y Diccionario Classificador de Las Lenguas Indo-americanas, Madrid, 1958

Ceram, O.W. – O Segredo dos Hititas, Belo Horizonte

Cartilha Maká – Posto Indígena de Las Casas, Asunción, Paraguay

Chagas Lima, Francisco – Memória sobre o Descobrimento e Colónia de Guarapuava, Revista do Instituto Histórico Brasileiro, Rio de Janeiro, 1842

Chandles, W. – Ascent of the River Purus, Journal of the Royal Geographical Society, t. XXXVI, London, 1869

Church, George E. – Notes on the Visit of Dr. Bach to the Catuquinaru Indians of Amazonas, Journal of the Royal Geographical Society, London, 1898

Cimitile, Frei Luiz de – Epítome dos Costumes e Religião dos Índios Camés ou Coroados com um Pequeno Vocabulário (Manuscrito Original n. 618, existente na Biblioteca do Instituto Histórico-Geográfico Brasileiro)

Cobalchini, Antonio – I Bororos Orientali Orarimogudoge, Torino, 1925

Coudreau, Henri – Viagem ao Xingu, Coleção Brasiliana

Coudreau, Henri – Viagem ao Tapajós, Coleção Brasiliana, v. 209

Diego, Reyneso – Popol Vuh, São Paulo, 1990

Dixon, Roland – Linguistic Families of California, in American Archaeology and Ethnology, t. XVI, Berkeley, 1919

Ebbin, Juan Henrique – Gramatica y Diccionario Aimara, La Paz, 1965

El Hijo Prodigo – Publicação em língua Maká, Asunción, Paraguay

Eschwege, L.W. – Journal von Brasilien oder Vermisch Nachrichten aus Brasilien, Weimar, 1818

Etiene, Ignace – Les Boruns, Anthropus, t. IV, Viena, 1908

Ewerton - Quadros, Francisco Raymundo – Memórias sobre os Trabalhos da Comissão da Linha Telegráfica de Uberaba a Cuiabá, Revista do Instituto Histórico-Geográfico Brasileiro, t.LX, Rio de Janeiro, 1893

Farabee, W. C. – The Central Arawaks, University of Pennsylvania Anthropological Publications, Philadelphia, 1918

Farabee, W. C. – The Central Caribe, University of Pennsylvania Anthropological Publications, v. X, Philadelphia, 1924

Fernandez, José Antonio – Mémoria sobre os Trabalhos da Comissão da Linha Telegráfica Uberaba a Cuiabá, Revista do Instituto Histórico-Geográfico Brasileiro, t. LV, Rio de Janeiro, 1892

Ferreira Penna, Domingo Soarez – Algumas palavras da Língua dos Aruans, Arquivo do Museu Nacional, v. IV, Rio de Janeiro, 1881

Fonseca, João Severiano da – Viagem ao Redor do Brasil, Rio de Janeiro, 1880

Freitas, Afonso A. de – Etnografia Paulista, Os Guaianás de Piratininga, São Paulo, 1910

Friede, Juan – Los Andaki

Gabb, W. M. – Tribus y Lenguas de Costa Rica

Gensch, Hugo – Werterverzeichnis der Bugre von Santa Catarina, Zeitschrift für Ethnologie, t. XL, Berlim, 1908

Giacone, Pe. Antonio – Pequena Gramática e Dicionário Português – Makú.

Grosso, Ibarra – Lenguas Indigenas Americanas

Guerios, B.F.M. – Estudos sobre a Língua Caingang

Guimarães, José da Silva – Linguagem dos Apiacás, Revista do Instituto Histórico-Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro, 1865

Hartt, Ch. Fred – Vocabulary of the Language of the Botocudo, Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (Manuscrito inédito)

Hauterive, H. Grandsaignes d' – Dictionnaire des Racines des Langues Européenes, Paris, 1948

Holmer, M.N – Lexical and Morphological Contacts between Siouan and Algonquian

Horta Barbosa, N.B – Exploração e Levantamento dos Rios Anari e Machadinho, Rio de Janeiro, 1922

Ihering, Hermann Von – A Etnografia do Brasil Meridional, Atas do XVII Congresso Internacional de Americanistas

Ihering, Hermann Von – Os Guaianás e Caingangs de São Paulo, Revista do Museu Paulista, t. VI, São Paulo, 1904

Intata L'Ikheyij – (Publicação em língua Maká), Asunción, 1968

Jijon y Camño – El Ecuador Interandino y Occidental, Quito, 1941

Jomard, M. – Notícia sobre os Botocudos, Revista do Instituto Histórico-Geográfico Brasileiro, t. IX, Rio de Janeiro, 1847

Journal de la Societé des Americanistes de Paris, Coletânea de 1920 a 1939

Katzer, F. – Zur Ethnographie der Rio Tapajós, Globus, t. LXXIX, Braunschweig, 1901

Keller, Fr. – The Amazon and Madeira Rivers, Londres, 1847

Kissenberth, Wilhelm – Bei der Canella Indianer in Zentral-Maranhão, Archiv für Volkerkunde, t. II, Berlin, 1912

Kissenberth, Wilhelm – Beitrag zur Kenntniss der Tapirapé Indianer, Archiv für Volkerkunde, t. VI, Berlin, 1922

Koch-Grunberg, Theodor – Die Makú, Anthropos, t. I, Viena, 1906

Koch-Grunberg, Theodor – Aruak Sprachen, Mitteilungen der Anthropologischen Gesellschaft in Wien, t. XLI, Viena, 1910

Koch-Grunberg, Theodor – Die Betoya Sprachen, Anthropos, t. VIII, Viena, 1913-1916

Koch-Grunberg, Theodor – Von Roraima zum Orinoco, Stuttgart, 1928

Koch-Grunberg, Theodor – Die Makuschi und Wapischana, Zeitschrift für Ethnographie, t. LX, Berlin, 1908

Krause, Fritz – In den Wildnissen Brasiliens, Leipzig, 1911

Krause, Fritz – Die Yarumá und Arawine Indianer Zentralbrasiliens, Archiv für Volkerkunde, t. XIX, Berlin, 1936

Kupfer – Die Kayapó – Indianer in der Provinz Matto-Grosso, Zeitschrift der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin, 1870

Lapende, Geraldo – Estrutura da Língua Iaté

Lara, Jesus – Diccionario Queshwa-Castellano, La Paz, 1971

Leal, O. – Viagem a um Pais Selvagem, Lisboa, 1895

Leite França – Vocabulário dos Botocudos do Aldeiamento de Mutum, Revista da Exposição Antropológica Brasileira, Rio de Janeiro, 1882

Lima Figueredo, Major – Índios do Brasil, Coleção Brasiliana, v. 163

Lopes, Raymundo – Les Indiens Arikemes, Actes de la XXI Congrès International des Americanistes, Roteberg, 1925

Loukotka, Chestemir – La Familia Linguistica Masakali, Revista del Instituto de Etnologia, t. II, Tucuman, 1932

Loukotka, Chestemir – Contribuciones a la Linguistica Sudamericana, Revista del Instituto de Etnologia, t. I, Tucuman, 1930

Loukotka, Chestemir – La Familia Linguistica Kamakan, Revista del Instituto de Etnologia, t. II, Tucuman, 1931

Loukotka, Chestemir – Les Indiens Kurura du rio Verde, Mato Grosso, Brasil, Journal de la Societé des Americanistes de Paris, t. XXIII, Paris, 1931

Loukotka, Chestemir – La Familia Linguistica Coroado, Journal de la Societé des Americanistes de Paris, 1931

Mamiani, Luiz Vicencio – Arte da Gramática da Língua Kiriri, Lisboa, 1699, edição facsimilar, Rio de Janeiro, 1877

Marliere, Guido Thomaz – Idiomas dos Índios Botocudos, in Abelha do Itacolomy, n. 15, de fevereiro de 1825, Ouro Preto

Martinez, Benigno Teixeira – Os Índios Guaianãs, Revista do Museu Paulista, t. VI, São Paulo, 1904

Martius, C. F. von – Glossaria Linguarum Brasiliensium, Leipzig, 1867.

Maxmiliano – Viagem ao Brasil, São Paulo, 1940

Mello, A. - Esboço Gramatical do Idioma Pareci

Marquis Wavrin – Les Jivaros Reducteurs de Têtes

Melo, Mário – Os Carijós de Águas Bellas, Diário de Pernambuco de 20 de junho a 6 de julho de 1928, Recife

Metraux, Alfred – Les Indiens Kamakan, Patashô et Kutashô, Revista del Instituto de Etnologia, t. I. Tucuman, 1930

Moore, Bruce R. – Diccionário Colorado-Castellano, Instituto de Linguistica de Verano, Quito, 1966

Moreira Pinto, Alfredo – Apontamentos para o Dicionário Geográfico do Brasil, Rio de Janeiro, 1894

Moubach, Ernesto Wilhelm – Voz de Arauco, Vilarrica, 1959

Nambikwara, Bacaninho – Cartilha Aloteso, Cuiabá, 1975

Nambikwara, Foado Luiz – Cartilha Aloteso, Cuiabá, 1975

Nantes, Pe. Bernardo de – Catecismo da Língua Cariri, Leipzig,, 1896

Newmam, S. S. – Yokuts Language of California

Nimuendaju, Curt – Idiomas Indígenas do Brasil, Revista do Instituto de Etnologia, t. II, Tucuman, 1932

Nimuendaju, Curt – As Tribos do Alto Madeira, Journal de la Societé des Americanistes de Paris, t. XVIII, Paris, 1925

Nimuendaju, Curt – Os Índios Parintinti do rio Madeira, Journal de la Societé des Americanistes de Paris, t. XVI, 1925

Nimuendaju, Curt – Língua Sherente, Journal de la Societé des Americanistes de Paris, t. XXI, Paris, 1929

Nimuendaju, Curt – Zur Sprache der Kuruyá Indianer, Journal de la Societé des Americanistes de Paris, t. XXII, Paris, 1930

Nordenskiöld, Erland – Forschungen und Abenteuer in Südamerika, Stuttgart, 1924

Oliveira, Carlos Estevão – Os Apinajés do Alto Tocantins, Boletim do Museu Nacional, t. VI, Rio de Janeiro, 1930

Oliveira, Feliciano de – The Cherentes, XVIII International Congress of Americanists, t. II, Londres, 1913

Ortiz, Sergio Elias – Estudios sobre Lingüística Aborigene de Colombia

Orton, James – The Andes and the Amazon, New York, 1874

Pa Omehe – Publicação em língua Maká, Posto Indígena de Las Casas, Asunción, Paraguay.

Paula, José Maria de – Botocudos de Paraná e Santa Catarina, Anais do XX Congresso Internacional de Americanistas, Rio de Janeiro, 1924

Paula Souza, Geraldo – Notas sobre os Índios Caingangs, Revista do Museu Paulista, t. X, São Paulo, 1918

Patiño, Domingo – Vocabulário Guayanã, La Reforma, Asunción, 1881

Perea y Alonso, S. – Filologia Comparada de los Dialetos Arawak, Instituto de Estudos Superiores de Montevideo

Perez, Pio – Diccionario de la Lengua Maya

Petrucci, Victor – Idiomas Tucanos Comparados, cópia de manuscrito inédito em poder do autor

Pinto, Estevão – Os Indígenas do Nordeste, 2 tomos, Coleção Brasiliana, vols. 44 e 112

Poblete, Enrique Oblitas – El Idioma Secreto de los Incas

Plak, J. E. R. – A Grammar and Vocabulary of the Ipuriná Language, London, 1894

Pompeu Sobrinho, Th. – Os Índios Canela, Fortaleza, 1930

Pompeu Sobrinho, Th. – Kariris, Revista de Filologia e de História, t. II, Rio de Janeiro, 1934

Pompeu Sobrinho, Th. – Índios Fulniôs, Revista do Instituto do Ceará, t. LXIX, Fortaleza, 1935

Pompeu Sobrinho, Th. – Vocabulário dos Índios Mutuans do Yamundá, Revista do Instituto do Ceará, t. L., Fortaleza, 1936

Porantim – Coletânea, Brasília, 1985-1987

Renault, Pedro Victor – Vocabulário das Línguas Botocudo, Nacrunuc e Giporoca, Belo Horizonte, 1904

Revista do Arquivo Municipal de São Paulo, t. LVII, 1939

Revista do Arquivo Municipal de São Paulo, t. LIV, 1939

Revista da Exposição Antropológica Brasileira, Rio de Janeiro, 1882

Revista do Instituto do Ceará, t. XLIX, Fortaleza, 1935

Revista do Instituto de Etnologia, Tucuman, 1932

Revista do Instituto Histórico-Geográfico do Rio de Janeiro, anos 1842 a 1888

Rivet, Paul – As origens do Homem Americano, Ed. Anhembi, São Paulo, 1958

Rivet, Paul – Les Indiens Colorado, Journal de la Societé des Americanistes de Paris, t. II

Rivet, Paul – Nouvelle Contribution à l'Étude de la Langue Makú, International Journal of Americanists, t. III, New York, 1925

Rivet, Paul – Les Langues Americanes, in Les Langues du Monde, Paris, 1952

Rivet, Paul – Affinités du Tikuna, Journal de la Societé des Americanistes de Paris, IX, 1912

Rivet, Paul – Les Katukina, Journal de la Societé des Americanistes de Paris, t. XII, Paris, 1920

Rivet, Paul – Les Indiens Canoeiros, Journal de la Societé des Americanistes de Paris, t. XIV, Paris, 1924

Rivet, Paul – Les Indiens Marawan, Journal de la Societé des Americanistes de Paris, t. XIII, Paris, 1921

Rodrigues, Arion Dalligna – Vocabulário Kiriri-Português e Português-Kiriri, Curitiba, 1942

Rodrigues Leite, Francisco – Jean de Lery, Viajante de Singularidades, São Paulo, 1946

Rondon, Candido Mariano da Silva – Etnografia, Rio de Janeiro, 1910

Rondon, Candido Mariano da Silva – Esboço Gramatical e Vocabulário dos Índios Bororo.

Roquete-Pinto, E. – Rondônia, São Paulo, 1935

Rudolph, Bruno – Wörterbuch der Botokudensprache, Hamburgo, 1909

Santa Cruz, Joaquim – Los Indigenas de Ecuador

Sedat, S. – Nuevo Diccionario de las Lenguas Khekchi e Española

Série Lingüística nº 5 – Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1976

Serrano, Antonio – Etnografia de la Antigua Provincia del Uruguay, Paraná, 1936

Schmidt, Max – Indianerstudien Zentralbrasiliens, Berlin, 1905

Silva y Aceves – Série de Vocabulários Indígenas de Ecuador, Quito, 1976

Silveira, Álvaro A. da – Memórias Corográficas, vol. II, Belo Horizonte, 1922

Simões da Silva – A Tribo dos Índios Granaks, Anais do XX Congesso Internacional de Americanistas, t. I, Rio de Janeiro, 1932

Sócrates, Arturo – Vocabulários Índígenas, Revista do Instituto Histórico-Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro, 1892

Sostelle, Jacques – A Vida Quotidiana dos Astecas

Spuk, F. G. – Catawba Texts

Steinen, Karl von den – Entre os Aborígenes do Brasil Central, Revista do Arquivo Municipal de São Paulo, vol. LVIII, São Paulo, 1939

Stradelli, E. – Pequenos Vocabulários do Grupo de Língua Tucana, Congresso Científico Latino-Americano, Rio de Janeiro, 1910

Taunay, Alfredo d'Escragnolle – Os Índios Caingangs, Revista do Instituto Histórico-Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro, 1888

Taunay, Visconde de – Campanha de Mato Grosso, São Paulo, 1923

Tschudi, J. J. – Reisen durch Südamerika, t. II, Leipzig, 1867

Teschauer, P. Karl – Os Caingangs ou Coroado do Rio Grande do Sul

Tibiriçá, Luiz Caldas – Betrachtungen über die Herkunft des Americanischen, Staden-Jahrbuch, São Paulo, 1989

Tibiriçá, Luiz Caldas – Notas e Observações sobre um Confronto Lingüístico Japonês-Ameríndio, São Paulo, 1970

Tibiriçá, Luiz Caldas - Nomes de Animais e Plantas em Línguas Ameríndias de Cultura Superior e Média, São Paulo, 1972

Tibiriçá, Luiz Caldas – Línguas Indígenas do Brasil, obra inédita em poder do autor

Tibiriçá, Luiz Caldas – Vocabulários Nambicuaras Comparados, manuscrito inédito em poder do autor

Tibiriçá, Luiz Caldas – Vocabulário Makú, manuscrito inédito em poder do autor.

Tibiriçá, Luiz Caldas – Breve Notícia sobre os Maká, com Pequeno Vocabulário do Dialeto Alotes, manuscrito inédito em poder do autor

Val-Floriano, Frei Mansueto de – Ensaio de Gramática Kaingang, Revista do Museu Paulista, t. X, São Paulo, 1920

Wassen, Henry – Notes on Southern Groups Chocó Indians in Colombia

Webster – New World Dictionary, College Edition, Cleveland-NewYork, 1958

Yape Tyxnen – Mision a Nuevas Tribus, Asunción, Paraguay, 1967

TRABALHO IMPRESSO SOB OS AUSPÍCIOS DA
SOCIEDADE CRIACIONISTA BRASILEIRA
CAIXA POSTAL 08743
70312-970 – BRASÍLIA DF BRASIL
TELEFAX: (061)468-3892 ou 368-5595

E-mail: ruivieira@scb.org.br
Home-page: http://www.scb.org.br